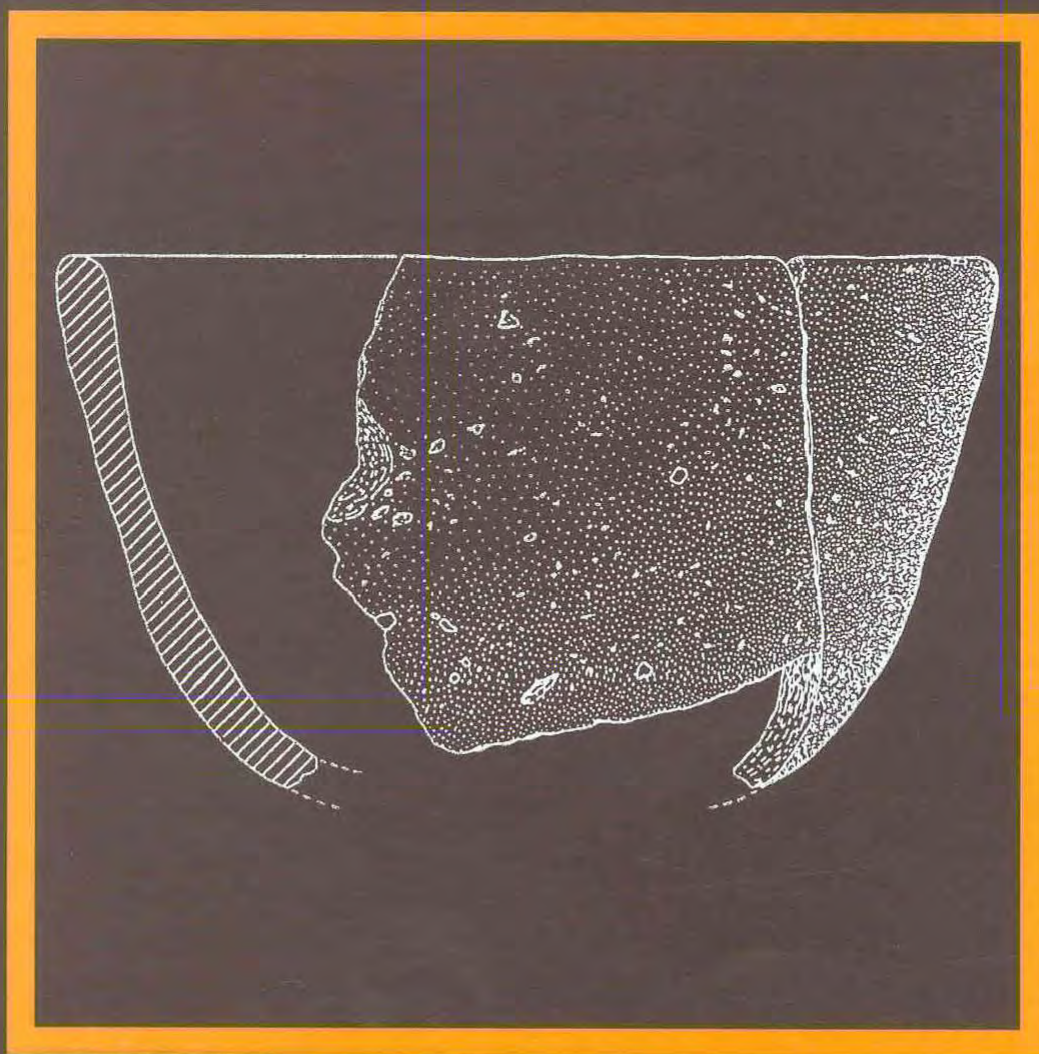


A LAPA DA FURADA

(SESIMBRA)

RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS
REALIZADAS EM SETEMBRO DE 1992 E 1994



JOÃO LUÍS CARDOSO
ARMANDO SANTINHO CUNHA

CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA

A LAPA DA FURADA

(SESIMBRA)

RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS
REALIZADAS EM SETEMBRO DE 1992 E 1994

JOÃO LUÍS CARDOSO

Professor da Universidade Nova de Lisboa
Membro do GEOTA

ARMANDO SANTINHO CUNHA

Professor da Escola Superior de Medicina Dentária
da Universidade de Lisboa

APOIO DA REGIÃO DE TURISMO COSTA AZUL

CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA
1995

A LAPA DA FURADA

(SE SIMBRA)

RECURSOS DAS FREGUESIAS E PARÓQUIAS
LEVADAS AO PLEBISCITO EM 1995

1995
1995
1995

Editor – Câmara Municipal de Sesimbra
Autores – João Luís Cardoso e Armando Santinho Cunha
Desenhos – Bernardo L. Ferreira
Fotografias – João Luís Cardoso e Rui Rodrigues (CMS)
Composição, Impressão e Acabamento – Gráfica Maiadouro
Depósito Legal – 90 627/95
N.º exemplares – 2 000 ex.

ÍNDICE

Nota prévia.....	5
1 – Introdução.....	7
2 – Trabalhos realizados.....	9
3 – Estratigrafia	15
4 – Espólio arqueológico. Sua integração cultural.....	17
5 – Espólio antropológico	39
6 – Discussão, cronologia	49
7 – Rituais funerários.....	53
8 – Conclusões.....	55

NOTA PRÉVIA

As marcas que o homem vai deixando nos locais que ocupou transformaram-se com o tempo numa grafia misteriosa – texto oculto e simultaneamente revelador de uma humana presença, eterna e mutável.

Velhas pontes, grutas impregnadas de especial magia, restos de uma estrada que parece levar a nenhuma parte, fragmentos de osso ou de pedra que guardam a marca da mão que os afeioou a usos vários são peças de um “puzzle” que o homem combina e recombina pelos caminhos do tempo.

Dar intelegibilidade a esses vestígios, pô-los ao alcance do homem comum é trabalho dos arqueólogos, tarefa em que o rigor científico e a paixão do conhecimento se empenham com teimosa persistência na decifração das pistas que o tempo baralhou.

Nos espaços que a ciência ilumina reencontram-se os elos de uma cadeia humana, por milénios perdida, e que, uma vez a descoberto, nos revelam sucessivamente fragmentos da raiz do que fomos, permitindo um melhor entendimento do que somos.

O trabalho que agora vem a lume com a publicação dos resultados das escavações arqueológicas coordenadas pelo Prof. Doutor João Luís Cardoso, na Lapa da Furada é resultado do rigor científico do ilustre arqueólogo e da sua equipa, mas também do empenho desta Autarquia em prosseguir um trabalho de recuperação, valorização e preservação do património cultural do Concelho de Sesimbra, tal como se define numa das linhas mestras do P.D.M.

A presente publicação que lança uma luz inesperada sobre o passado remoto do Concelho resulta assim de uma dinâmica convergente organizada em torno de três pólos essenciais:

- o trabalho dos especialistas;*
- a crescente e procurada envolvência dos munícipes, porque um maior conhecimento da sua terra se projectará necessariamente na aquisição de uma maior consciência cívica.*
- o empenho político dos responsáveis autárquicos.*

Esta edição marcará, assim, uma etapa de um trabalho a prosseguir, visando a protecção, salvaguarda e reanimação das marcas com significado histórico para a Comunidade e que se entende como uma das prioridades do trabalho autárquico.

O Presidente da Câmara

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Esequiel Lino', written over a horizontal line. The signature is stylized and somewhat cursive.

Esequiel Lino

1 – INTRODUÇÃO

1.1 – Condições geológicas, geomorfológicas e ambientais

A Lapa da Furada é uma cavidade cárstica do tipo “algar”, existente nos calcários jurássicos que ocupam o flanco meridional da estrutura anticlinória da Arrábida, no seu prolongamento ocidental, terminando no Cabo Espichel. Possui uma abertura de configuração singular, possuindo um septo na sua parte média, de contorno estreito e alongado (Fig. 1), correspondendo ao alargamento de uma importante diaclase, em parte preenchida por calcite sub-cristalina. Tal abertura comunica com algar vertical, de cerca de 4 m de altura, o qual dá acesso a uma sala vestibular, da qual partem, por sua vez, diversas galerias, dando passagem a salas de grandes dimensões. Foi na primeira sala, ainda iluminada pela luz natural que nela penetra verticalmente, que se realizaram os trabalhos arqueológicos adiante descritos (Fig. 2). As suas coordenadas Gauss são:

M = 109,4; P = 163,3 (Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, folha 464 – Sesimbra. Serviços Cartográficos do Exército, Lisboa).

Do ponto de vista geomorfológico, a gruta abre-se poucos metros abaixo da plataforma do Cabo, a qual se desenvolve a cerca de 200 m de altitude e é testemunho da extensa superfície de abrasão fini-pliocénica (CARDOSO, 1994b) que, no dizer de RIBEIRO (1968, p. 265) “rasoiron todo o relevo até à base do Risco e do Formosinho”.

A referida encosta, com declive superior a 25%, vence aquele desnível até o mar, sendo interrompida, na sua aspereza, por uma rechã, a meia altura, correspondente a entalhe marinho, de idade plistocénica, aquando do estacionamento mais prolongado do nível oceânico a determinada altitude, superior à actual. As altitudes de tal plataforma decrescem ligeiramente de Este para Oeste, de 128 m para cerca de 108 m, sugerindo um basculamento para Ocidente da extremidade ocidental da Arrábida, referido por DAVEAU & AZEVEDO (1980/81). Com efeito, o dispositivo de rechãs, entalhadas nos calcários jurássicos que constituem o bordo meridional da Arrábida, na região correspondente ao litoral sesimbrense, até o Espichel, é

único no que concerne à costa portuguesa (CARDOSO, 1994b), constituindo, outrossim, expressivo testemunho da evolução sofrida pelos antigos litorais plistocénicos.

A cobertura vegetal actual é caracterizada pela existência potencial do matagal xerofítico dominado por *Juniperus phoenicia* (sativa da praia), *Pistacia lentiscus* (trovisco fêmea) e *Quercus coccifera* (carrasco).

Do ponto de vista climático, a diferença média entre as médias máximas de Verão e de Inverno é de cerca de 17 °C, situando-se a precipitação média no intervalo de 900 mm a 1050 mm, segundo elementos de 1980.

1.2 – Ambiente arqueológico

Do ponto de vista arqueológico, a Lapa da Furada integra-se em região rica de testemunhos neolíticos e calcolíticos (SERRÃO, 1973, 1994). Ao lado de diversos povoados, conhecem-se, ao longo da encosta meridional da Arrábida, outras tantas cavidades, algumas já exploradas, entre as quais avultam a Lapa do Bugio e a Lapa do Fumo. Da primeira dista apenas escassas dezenas de metros.

1.3 – Antecedentes

A primeira referência à Lapa da Furada deve-se a SERRÃO (1962), no esboço de carta arqueológica do concelho de Sesimbra então publicado. Nele, a estação aparece incluída no Bronze pleno. Segundo refere o autor (SERRÃO, 1994, p. 83), na sequência de se ter reconhecido o interesse arqueológico da cavidade, em 1957, por R. Monteiro, D. Mafra e M. C. Ribeiro Cruz, efectuaram-se prospecções limitadas, nesse ano e no seguinte, de que veio a resultar a recolha de “fragmentos de cerâmicas calcolíticas e do Bronze e alguns ossos humanos, parecendo portanto tratar-se de uma necrópole dessas épocas”. No entanto, o interesse de tais achados não conduziu à exploração metódica da gruta, apesar de, entretanto, esta ter sido mencionada em diversos trabalhos de índole regional (MONTEIRO & SERRÃO, 1959, p. 409; ZBYSZEWSKI *et al.*, 1965; SERRÃO, 1962, 1973). A aludida exploração só viria a concretizar-se na sequência de novas recolhas de materiais cerâmicos por João Pinhal, técnico da Câmara Municipal de Sesimbra e da solicitação feita por esta autarquia ao primeiro signatário nesse sentido, após se ter reconhecido o interesse arqueológico daqueles testemunhos, colhidos à superfície. Desta forma, foi realizada uma primeira campanha de escavações em Setembro de 1992, tendo os respectivos resultados sido, entretanto, publicados (CARDOSO, 1993). Tais resultados vieram a justificar plenamente a continuação dos trabalhos de campo, objectivo concretizado em 1994, através da realização de uma segunda campanha de escavações, a qual possibilitou a conclusão da exploração arqueológica da estação. Cabe agradecer à Câmara Municipal de Sesimbra todos os apoios logísticos e financeiros, sem os quais estes trabalhos não teriam sido possíveis. De registar, ainda, a excelente colaboração prestada por Rui Fernandes, Hélder Coelho, Guilherme Oliveira Cardoso e Nelson da Silva Pedro, colaboradores usuais do primeiro dos signatários – Os desenhos são de B. Ferreira.

2 - TRABALHOS REALIZADOS

Em 1992, os trabalhos iniciaram-se pela limpeza da zona vestibular do algar que comunica com o interior da gruta, com cerca de 4 m de altura, o qual se encontrava preenchido, quase até ao topo, por entulhos modernos, incluindo blocos de calcário e restos de animais para ali atirados. Tendo-se atingido o chão primitivo da cavidade e verificando-se ali, a ausência de camada arqueológica, foi o local aproveitado para instalar a peneira para crivagem de todas as terras oriundas da escavação, obviando-se deste modo aos inconvenientes decorrentes de sua evacuação para o exterior da gruta.

A escavação atingiu em 1992 a área de cerca de 20 m² tendo respeitado quadrícula de 0,50 m de lado, abarcando metade da superfície da sala vestibular atrás aludida. (Fig. 31). A quadrícula de 1992 foi utilizada na escavação de 1994 (Fig. 32).

A estratigrafia, em grande parte correspondente a enchimento antrópico, era constituída por quatro camadas (Fig. 3 a 6), das quais a segunda, com cerca de 0,20 m de espessura, se revelou muito rica em ossos humanos, constituindo depósito contínuo e homogéneo, como revelaram os três cortes estratigráficos observados e registados, na Fig. 31 (CARDOSO, 1993).

Tal situação sugeria que o depósito se teria constituído de uma única vez e em curto intervalo de tempo, à custa de despojos humanos provenientes de outro local, como indicava a amálgama de ossos, sem conservarem entre si quaisquer conexões anatómicas. Tratava-se, pois, de um ossuário, ou depósito secundário de carácter funerário.

Por outro lado, a raridade de espólio arqueológico, evidenciando nítida desproporção face à abundância dos materiais antropológicos, levou a considerar a separação, no depósito primário, das peças ainda com interesse ritual ou funcional; apenas os fragmentos cerâmicos, desprovidos de interesse naquela perspectiva, bem como pequenos artefactos líticos, dificilmente visualisáveis (lâminas, pontas de seta), acompanhariam os despojos humanos aquando da sua transladação.

É provável, deste modo, que tenha havido uma limpeza geral do local do depósito primário, por certo uma gruta existente nas proximidades, em determinada altura, destinada a permitir a continuação das suas funções, rituais, sepulcrais ou habitacionais, com a decorrente remoção dos despojos ali anteriormente depositados.

A forma contínua, em uma única camada, como tais despojos se distribuem na Lapa da Furada, reforça tal conclusão, ao mesmo tempo que ilustra uma das situações mais interessantes até ao presente caracterizadas sobre os ritos funerários da Pré-história recente da Estremadura.

As importantes conclusões obtidas em 1992 careciam de maior pormenorização, o que só seria conseguido através do alargamento da área escavada, possibilitando, por outro lado, a recolha de mais materiais antropológicos e arqueológicos, por forma a melhorar a qualidade das conclusões anteriores. Com efeito, por um lado, ainda não se encontrava cabalmente esclarecida a época em que tal ossuário teria sido constituído; por outro lado, o aumento da amostragem osteológica, possibilitado pelos restos humanos ainda conservados no depósito, iria permitir caracterização mais detalhada e, sobretudo, mais representativa, das características antropológicas e outras, destas populações (esperança de vida, morbidades). Por outras palavras, o alargamento da área escavada, com o conseqüente aumento do registo arqueológico e antropológico, conduziria, forçosamente, a maior rigor no pretendido estudo pluridisciplinar do depósito mortuário.

Foi com os objectivos principais acima enunciados que se realizou a segunda campanha de escavações, a qual decorreu em Setembro de 1994.

Na primeira campanha de escavações tinha-se identificado, em todos os cortes limítrofes da área escavada, o desenvolvimento regular e contínuo da camada ossífera. Desta forma, os trabalhos consistiram, sucessivamente, na escavação de três sectores adjacentes daquela, respeitando-se a quadrícula definida em 1992 (Fig. 31 e 32):

- do lado Nordeste: Quadrados F, -1; E, -1; D, -1; e parte de C, -1.
- do lado Sudeste: toda a área assinalada na planta da escavação de 1992, já publicada (CARDOSO, 1993), como “área não escavada”, correspondente aos Quadrados E, 1 a 5; e F, 1 a 5; tendo-se ainda prolongado pelos Quadrados E 6 a 9; e F, 6, 7.
- do lado Sudoeste: Quadrados A, 6 a II; B, 6 a II; C, 6 a 9; e D, 6 a 9.

A presente publicação dá conta dos principais resultados obtidos. A sua preparação esteve a cargo do primeiro signatário que, na qualidade de responsável pelos trabalhos arqueológicos, solicitou ao segundo estudo preliminar sobre o espólio antropológico exumado, correspondente ao Capítulo 5.



Fig. 1

Lapa da Furada (Sesimbra). Vista da abertura, correspondente ao alargamento de diaclase.

Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 2

Lapa da Furada (Sesimbra). Vista dos trabalhos de escavação.

Foto de J. L. Cardoso.

Fig. 3

Lapa da Furada (Se-simbra). Vista parcial dos trabalhos realizados em 1994. Em primeiro plano, observa-se corte estratigráfico, podendo ver-se as camadas 3 e 4. Foto de J. L. Cardoso.

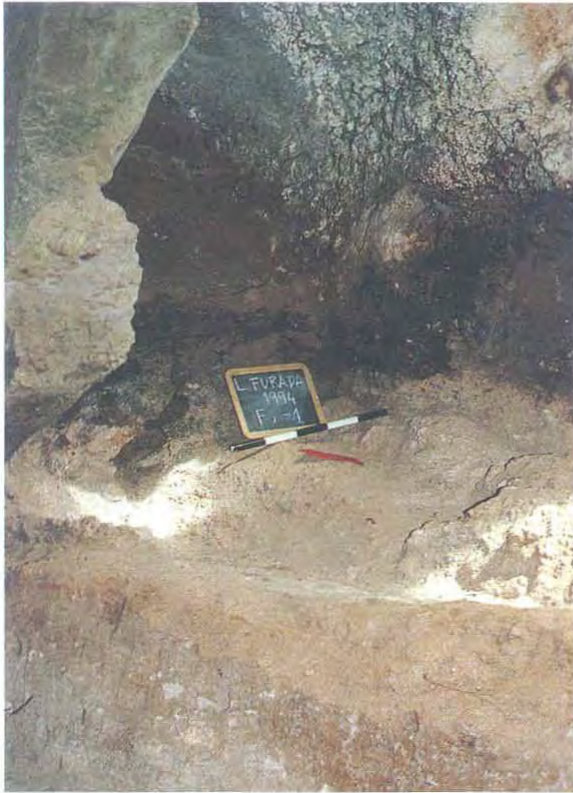


Fig. 4

Lapa da Furada (Se-simbra). Pormenor de corte estratigráfico, realizado em 1994, conservando a base da camada 2, toda a camada 3 e o topo da camada 4. Foto de J. L. Cardoso.





Fig. 5

Lapa da Furada (Se-simbra). Pormenor do corte I, executado em 1992 (ver Fig. 31) observando-se a camada 2, com abundantes materiais osteológicos humanos. Foto de Rui Rodrigues (CMS)

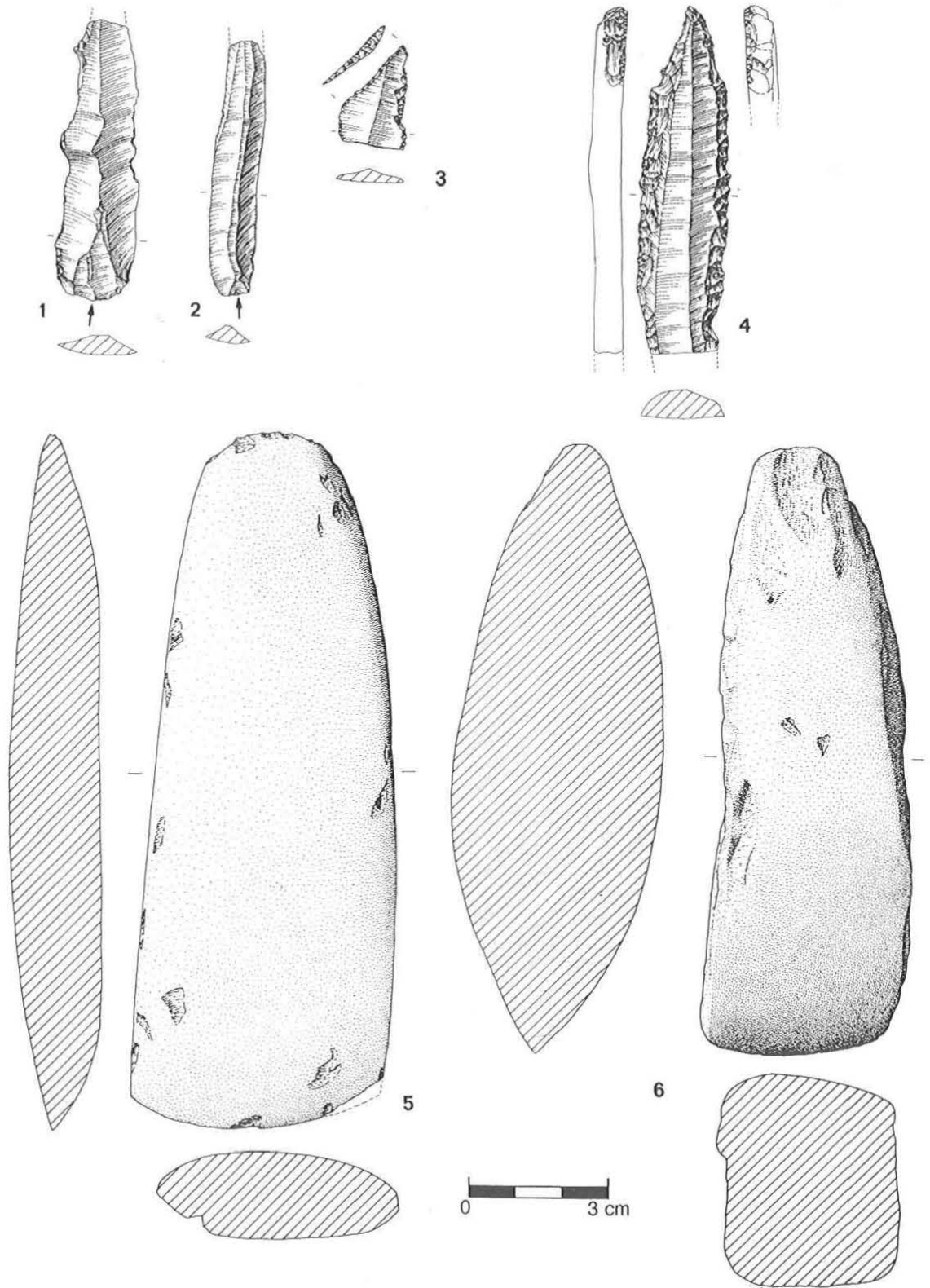


Fig. 6

Lapa da Furada (Se-simbra). Pormenor da camada 2, correspondente à acumulação do ossuário, podendo observar-se abundante material que o constituía. Foto de Rui Rodrigues (CMS).

Fig. 7

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria lítica:
lâminas (1, 2); micrólito
(3); furador (4); enxó
(5); e machado (6).



3 – ESTRATIGRAFIA

O alargamento da área escavada, realizado em 1994, possibilitou novas observações estratigráficas, que vieram confirmar em absoluto as anteriormente publicadas. Trata-se de sucessão constituída por 4 camadas (Fig. 3 a 6), assim constituídas, descritas em três cortes (Fig. 31):

Camada 1 – camada terrosa, acastanhada, com restos de raízes, pouco compacta, com blocos calcários dispersos, por vezes de dimensões superiores a 0,30 m. Contém cerâmicas pré-históricas (da Idade do Bronze), medievais e modernas dispersas em toda a espessura (máximo de 0,50 m de espessura);

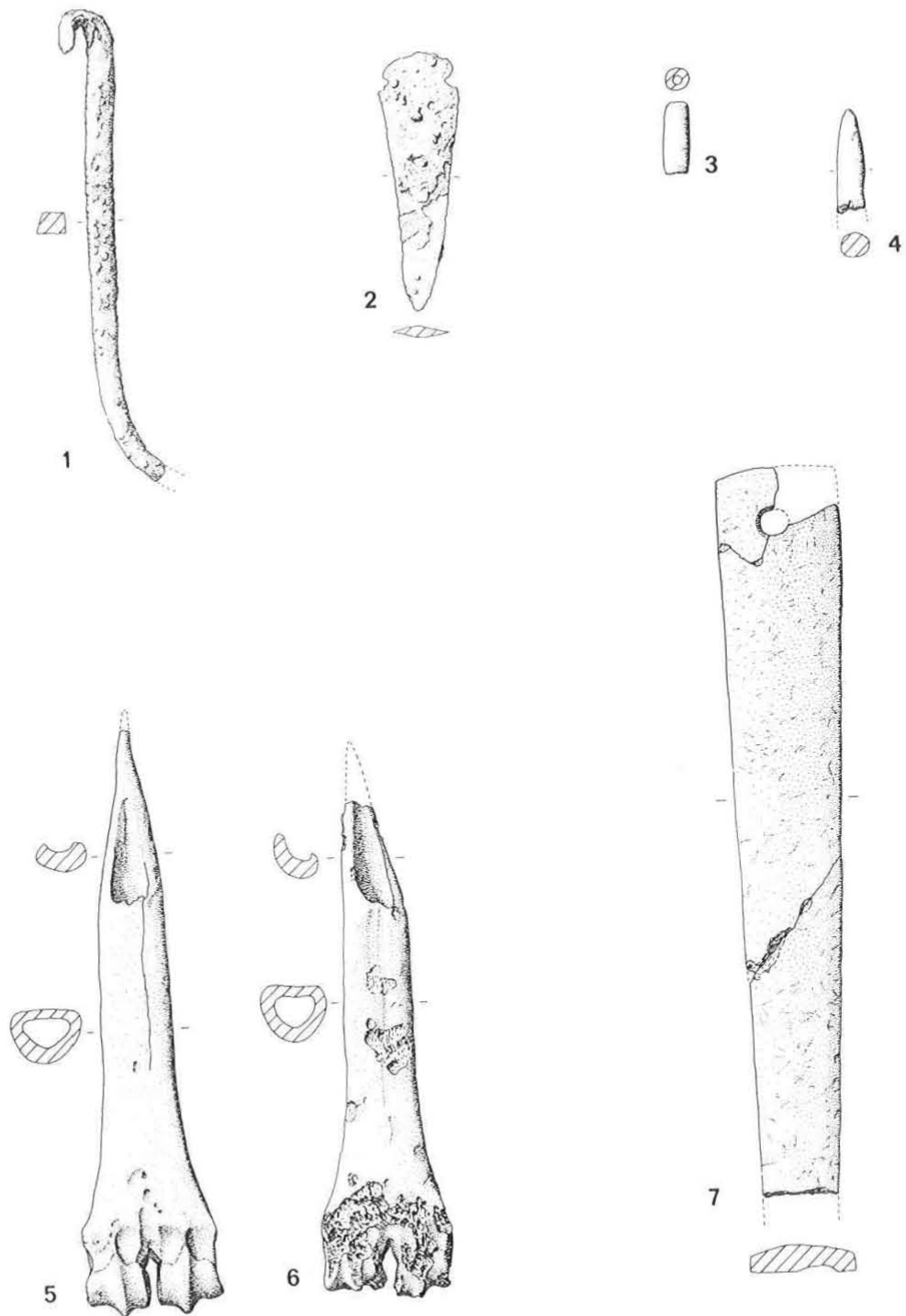
Camada 2 – camada igualmente terrosa, muito solta, sem coesão alguma, de coloração castanho-avermelhada; é constituída, por vezes quase exclusivamente, por ossos humanos (máximo de 0,20 m de espessura), associados a materiais neolíticos;

Camada 3 – camada de textura mais fina que as precedentes, de coloração amarelo-avermelhada, com escassos blocos calcários e restos humanos muito raros (máximo de 0,35 m);

Camada 4 – camada esbranquiçada pulverulenta, resultante da desagregação e alteração química dos calcários do Jurássico, que constituem o substrato geológico. Facilmente escavável, foi atravessada em cerca de 0,20 m, com o objectivo de confirmar a ausência de materiais antropológicos ou arqueológicos.

Fig. 8

Lapa da Furada (Se-simbra). Materiais metálicos: fragmento de anzol (1) e pequena lâmina (2), ambos de cobre; objectos de adorno: conta óssea tubular (3); indústria óssea: furadores (3 a 6); e espátula.



4 – ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO. SUA INTEGRAÇÃO CULTURAL

Tanto em 1992 como em 1994, se verificou que o espólio ósseo se concentrava na Camada 2. Em 1994 observou-se, que tal depósito ossífero pouco ultrapassava a área escavada em 1992. Com efeito, apenas os Quadrados C, -1; D, -1; B, 6; C, 6 e D, 6 se revelaram ricos em materiais antropológicos, terminando a camada que os continha, rapidamente, em bisel.

A amálgama incoerente como tais restos se dispunham naquela camada (Fig. 5 e 6), confirma observações anteriores (CARDOSO, 1993). Admitimos, por conseguinte, tratar-se de um ossuário, depositado de uma única vez no interior da sala, e especialmente na zona central dela. Por outro lado, a ocorrência de ossos intactos, não obstante a sua fragilidade, sugere que a referida acumulação se fez com algum cuidado, utilizando-se, talvez, cestos para o transporte desde a necrópole primária.

Neolítico final

É ínfima a quantidade de materiais arqueológicos reportáveis a este período, face à do espólio antropológico. Não obstante, alguns dos artefactos recolhidos tanto em 1992 como em 1994, permitem situar seguramente o início da presença humana na gruta no Neolítico final; são característicos deste período diversos artefactos:

Pedra polida

De pedra polida, salienta-se um machado e uma enxó (Fig. 7, n.º 5 e 6), recolhidos lado a lado, no chão da sala e junto da passagem desta para o algar que comunica com o exterior, sem que se possam relacionar com a camada ossífera; pela sua posição, na camada subjacente, serão certamente mais antigos do que aquela. A importância desta associação, de carácter ritual, será adiante discutida.

Cerâmicas “dolménicas”

Diversos fragmentos de cerâmicas lisas “dolménicas”, esmagadoramente pertencentes a taças em calote ou esféricas de bordo não espessado poderiam atribuir-se ao Neolítico final. Porém, tal atribuição, em conjunto, àquele período, é excessiva, como adiante se justificará. Apenas um fragmento se poderá reportar, com maior segurança, atendendo à tipologia, ao Neolítico final: trata-se de um bordo de taça de carena muito alta, com perfil interno adossado (Fig. 20, n.º 1), o qual possui estreitos paralelos na Camada 4 de Leceia – Oeiras (escavações do primeiro signatário).

Pedra lascada

Na escassa amostragem de pedra lascada recolhida, destaque para um furador terminal sobre lâmina (Fig. 7, n.º 4), de tipologia frequente em espólios do Neolítico final da Estremadura; um trapézio (Fig. 7, n.º 3) e pequenas lâminas não retocadas (Fig. 7, n.º 1 e 2) são, igualmente, de atribuir àquela fase cultural. Deve salientar-se, porém, que a maioria deste escasso conjunto lítico provém da periferia da sala, onde a camada ossífera não tinha expressão, ou da Camada 3, a ela subjacente, como é o caso do micrólito. Desta forma, é de aceitar que se trata de artefactos mais antigos do que aquela camada.

Artefactos de osso

Dois furadores, executados sobre a diáfise de metápodos de ovinos ou caprinos (Fig. 8, n.º 5 e 6) são idênticos a exemplares do Neolítico final ou do Calcolítico estremenho. Contudo, atendendo à simplicidade da forma e ao desconhecimento do instrumental ósseo da Idade do Bronze, na região em causa, não podemos afastar totalmente a hipótese de estas duas peças lhe pertencerem. O mesmo é válido, por maioria de razão, para a extremidade de furador de secção circular (Fig. 8, n.º 4).

Idade do Bronze

Objectos metálicos

Dois artefactos de cobre - um fragmento de um anzol de secção quadrangular (Fig. 8, n.º 1), e uma pequena lâmina curva com dois entalhes de fixação opostos na base, que é convexa (Fig. 8, n.º 2), poderão ser Calcolíticos ou mais tardios, sendo perfeitamente compatíveis com a Idade do Bronze.

Cerâmicas

A presença de materiais cerâmicos típicos da Idade do Bronze encontra-se documentada por numerosos fragmentos recolhidos no seio do depósito mortuário (Camada 2). Confirma-se, assim, a opinião de SERRÃO (1962), segundo a qual parte do espólio arqueológico exumado seria da Idade do Bronze, por ele adjectivada de “Bronze pleno” o que, como veremos, tem inteiro cabimento.

Os artefactos preferencialmente atribuíveis à Idade do Bronze correspondem a uma grande variedade de recipientes cerâmicos. Estão presentes grandes vasos, em forma de saco, cuja parte superior possui paredes verticais ou levemente introvertidas e bordo com ou sem espessamento (ver, por exemplo, Fig. 16, n.º 1 e 2 e Fig. 20, n.º 3; de fundos planos (Fig. 23 e 24); recipientes de menores dimensões, formalmente idênticos aos anteriores, sucedâneos dos “copos” do Calcolítico inicial da Estremadura (ver, por exemplo, Fig. 17, n.º 1; e Fig. 18, n.º 1 e 3) designados por “tronco-cónicos”, na Idade do Bronze (a menos que se trate, simplesmente, da parte superior do colo de taças carenadas – como as da Fig. 19, n.º 1); taças carenadas, desde as clássicas carenas bem marcadas (Fig. 21, n.º 3 e 4) até às muito esbatidas, quase se confundindo com taças hemisféricas e de bordos com pequeno ressalto exterior, correspondendo a espessamento, e lábio convexo (Fig. 12, n.º 1; Fig. 13, n.º 2). Possuem paralelos no abrigo grande das Bocas – Rio Maior (CARREIRA, 1994), bem como no Catujal, aqui atribuíveis ao Bronze Inicial/Médio (CARDOSO & CARREIRA, 1993; CARREIRA, 1994). De referir ainda, numerosas taças em calote, de fundo mais ou menos achatado (Fig. 9, n.º 1 e 3; Fig. 10, n.º 3; Fig. 11, n.º 4), de bordos munidos por vezes de pequeno espessamento externo, com estreitos paralelos no Catujal e no abrigo grande das Bocas, ou ainda esféricos médios, de bordo sem espessamento (Fig. 12, n.º 2 e 3; Fig. 13), ou ligeiramente extrovertido (Fig. 14, n.º 1 e 2), cuja analogia com cerâmicas neolíticas foi já anteriormente assinalada, e entre as quais poderiam à primeira vista integrar-se, não fora o facto de também serem conhecidos no Catujal. De salientar que todas as formas citadas se encontram representadas em contextos do Bronze médio da bacia do médio e Alto Mondego (SENNA-MARTINEZ, 1993).

As formas decoradas são escassas, porém decisivas para a integração deste conjunto predominantemente liso na Idade do Bronze: raros exemplares ostentam a chamada decoração “a cepillo”, que poderá ser entendida mais como forma de acabamento dos vasos, embora de inegável sentido estético; tal técnica caracteriza-se por larga diacronia, prolongando-se pela Idade do Ferro. O mesmo acontece com certos potes de colo estrangulado, e da bordo ligeiramente extrovertido, em aba, possuindo impressões espatuladas no lábio, produzindo um bordo denteado (Fig. 22, n.º 1 e 2); exemplares idênticos recolheram-se na Tapada da Ajuda – Lisboa, do início do Bronze Final (CARDOSO *et al.*, 1986), bem como em contextos da I Idade do Ferro, como Santa Olaia – Figueira da Foz. Outra técnica decorativa, recorreu à execução de cordões plásticos, pouco proeminentes e verticais; reconheceu-se um grande vaso ostentando esta técnica, de coloração negra, salientada pelo bruniamento cuidado que ostenta (Fig. 16, n.º 1 e 2, do mesmo recipiente).

As pastas mostram-se, em regra grosseiras ou mesmo muito grosseiras, com volumosos grãos de quartzo (umas vezes angulosos, como que britados, outras vezes sub-rolados, correspondendo a partículas detríticas) e de feldspato; acessoriamente, observam-se micas; a presença desta associação mineralógica indica produção a partir de pastas onde tais elementos não plásticos já existissem naturalmente ou a elas tivessem sido adicionados; no primeiro caso, teriam forçosamente de corresponder a uma região granítica, por certo a serra de Sintra; na segunda

hipótese, tais minerais teriam ali sido recolhidos, sendo objecto de ulterior difusão e comércio. A segunda hipótese é mais consentânea com as evidências recolhidas na região durante o Calcolítico, em que também se aceitou que tais minerais, mercê das suas propriedades desengordurantes, seriam intencionalmente adicionados a argilas obtidas localmente.

Quanto ao acabamento, as superfícies externa e interna da generalidade dos exemplares, mesmo os de maiores dimensões, mostram-se em geral satisfatoriamente alisadas, e mesmo, em raros casos, brunidas, conferindo-lhes um brilho característico. Alguns recipientes de menores dimensões, especialmente as taças hemisféricas, mostram pastas muito grosseiras, e superfícies irregulares, o que deverá explicar-se por finalidades diferenciadas: foi possível observar que era, em geral, a superfície externa que se apresentava mais erodida, o que sugere sujeição frequente a condições mais severas, como o fogo. Nas colorações das pastas são predominantes as tonalidades escuras, do castanho-chocolate ao negro. Há, no entanto, colorações do alaranjado ao vermelho-tijolo, patentes em recipientes de tamanho e tipologia diversas, indicando a não correlação entre tais caracteres. O núcleo mostra-se, na maioria dos casos, negro, indicando cozedura em ambientes predominantemente redutores.

As duas camadas inferiores – Camada 3 e Camada 4 – devem ser interpretadas como de carácter predominantemente geológico. Assim, a Camada 3 corresponde à superfície topográfica do chão da gruta à data da deposição funerária – daí os escassos restos humanos nela recolhidos e alguns materiais neolíticos, já aludidos – enquanto a formação da camada subjacente se deveu a fenómenos de alteração química dos calcários do substrato rochoso, sendo, por conseguinte, desprovida de materiais arqueológicos.

Objectos de adorno

Recolheu-se apenas uma conta óssea tubular com perfuração cilíndrica (Fig. 8, n.º 3), cuja tipologia não é característica das suas homólogas neolíticas ou calcolíticas; por esse motivo foi incluída no conjunto da Idade do Bronze, e também por a sua manufactura requerer o uso de furador metálico.

Fig. 9

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

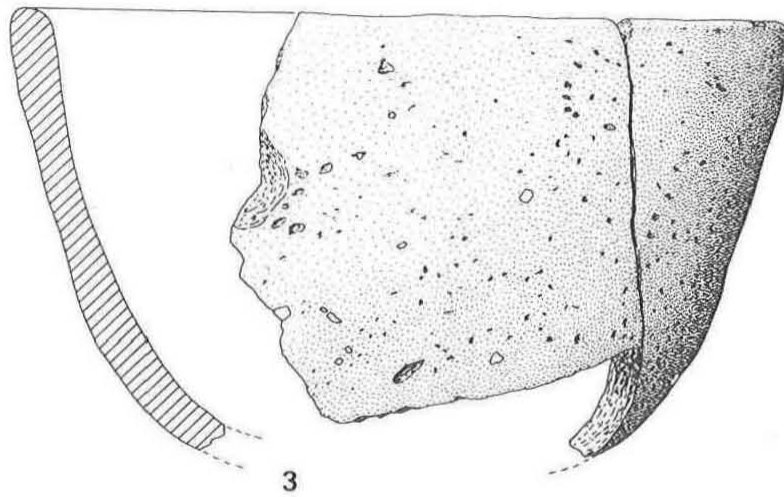
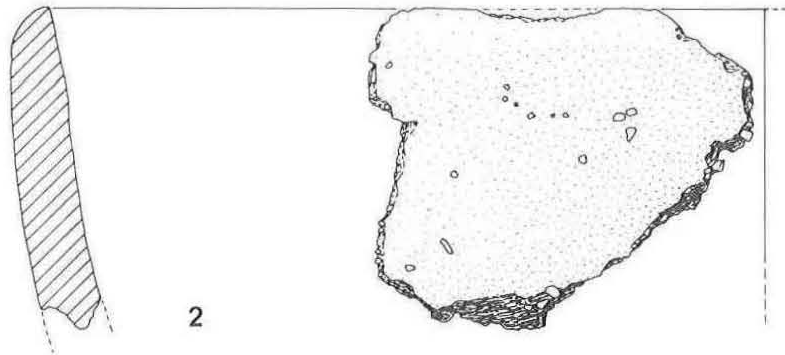
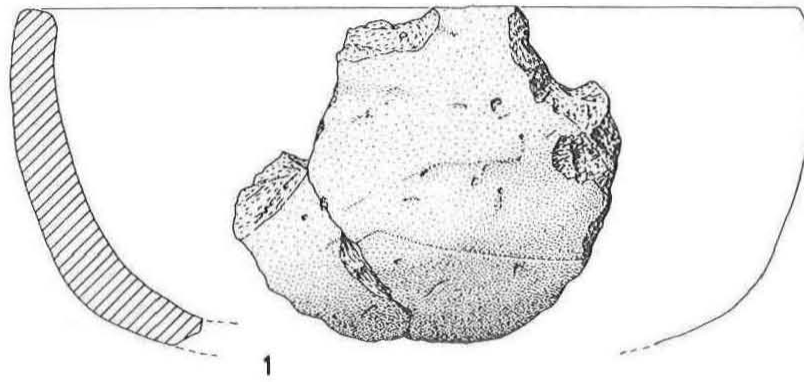


Fig. 10

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

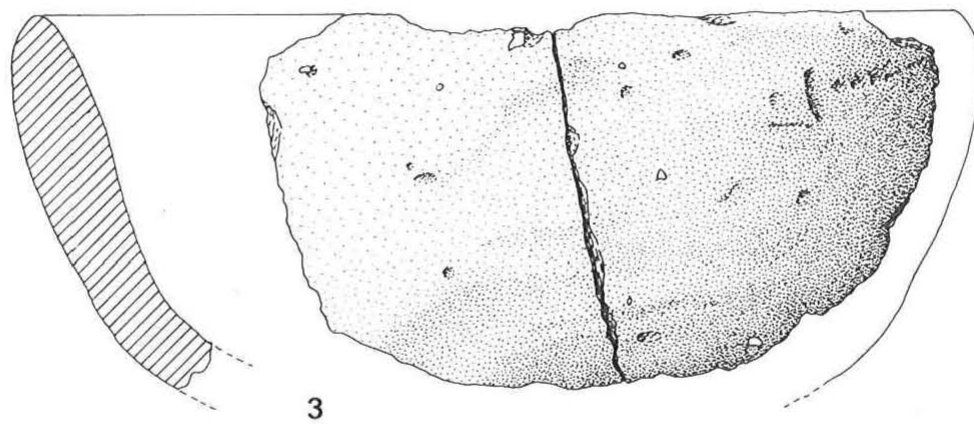
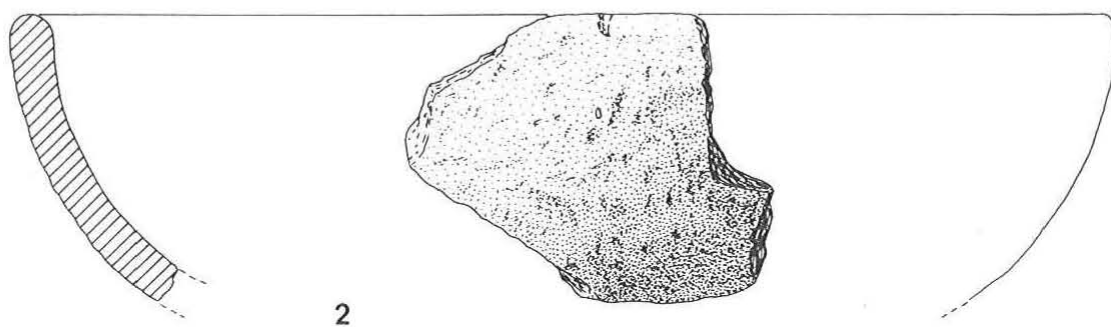
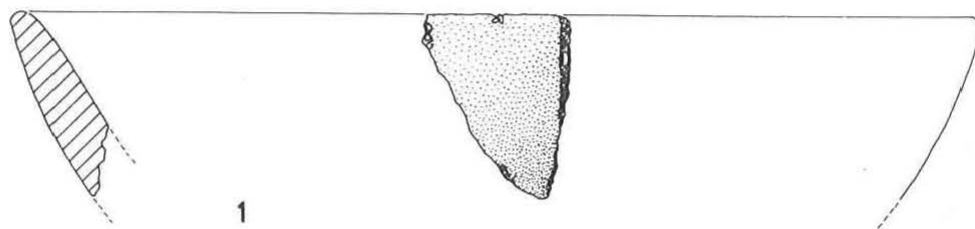


Fig. 11

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

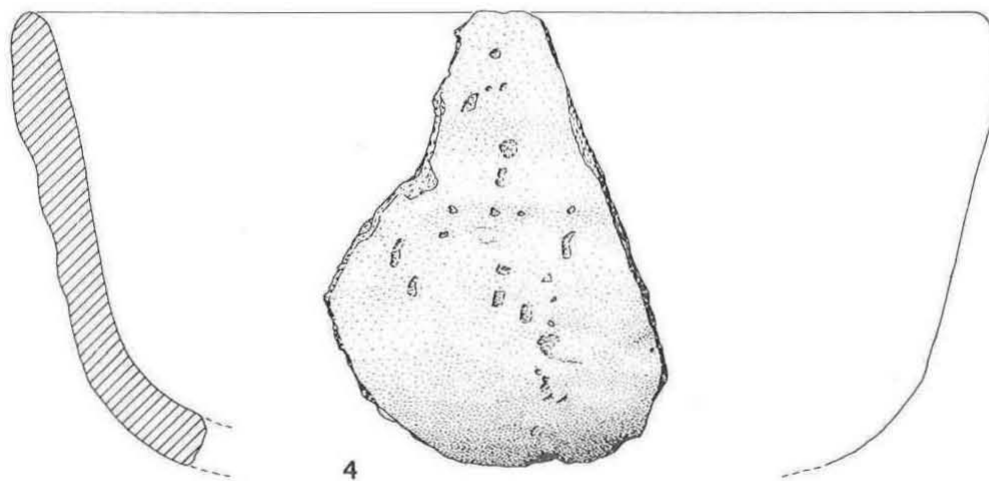
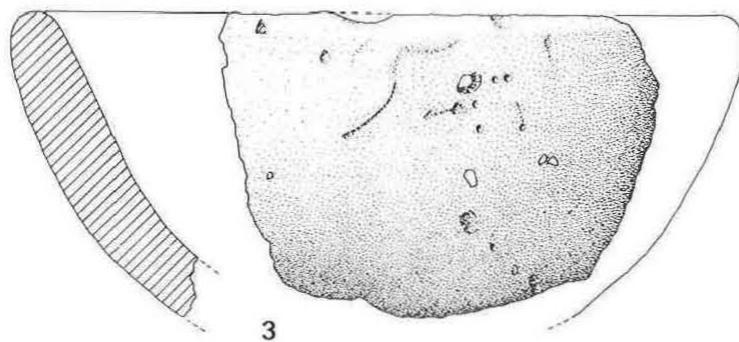
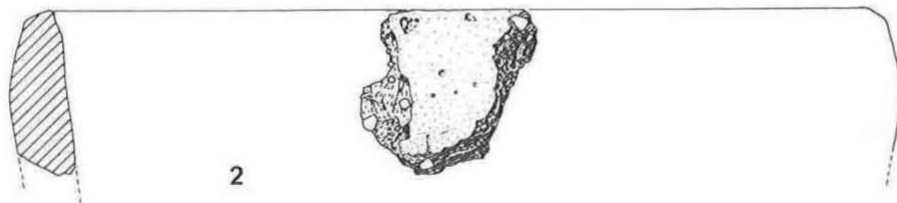
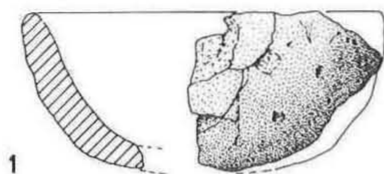


Fig. 12

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

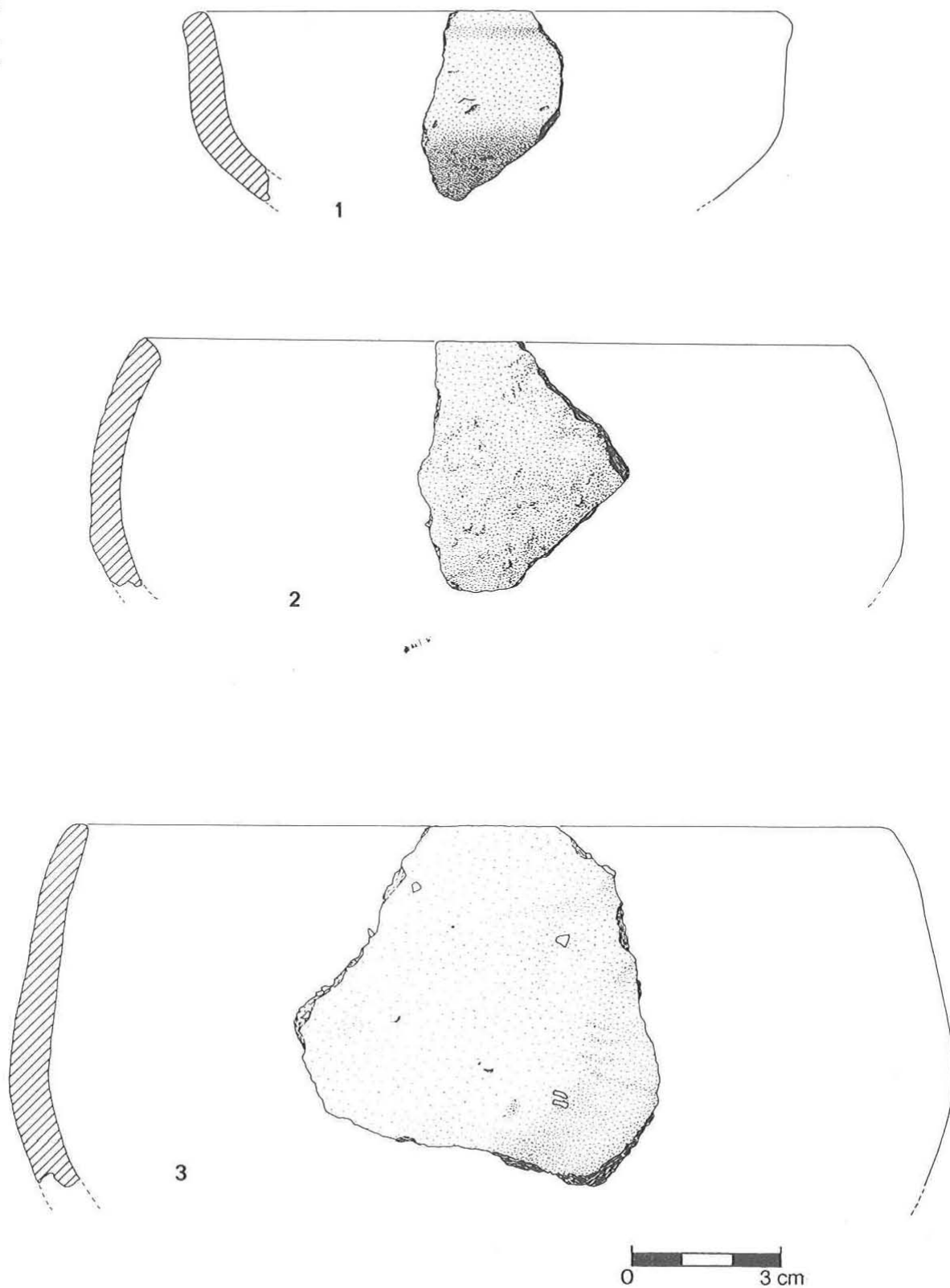


Fig. 13

Lapa da Furada (Se-
simbra), Indústria cerâ-
mica.

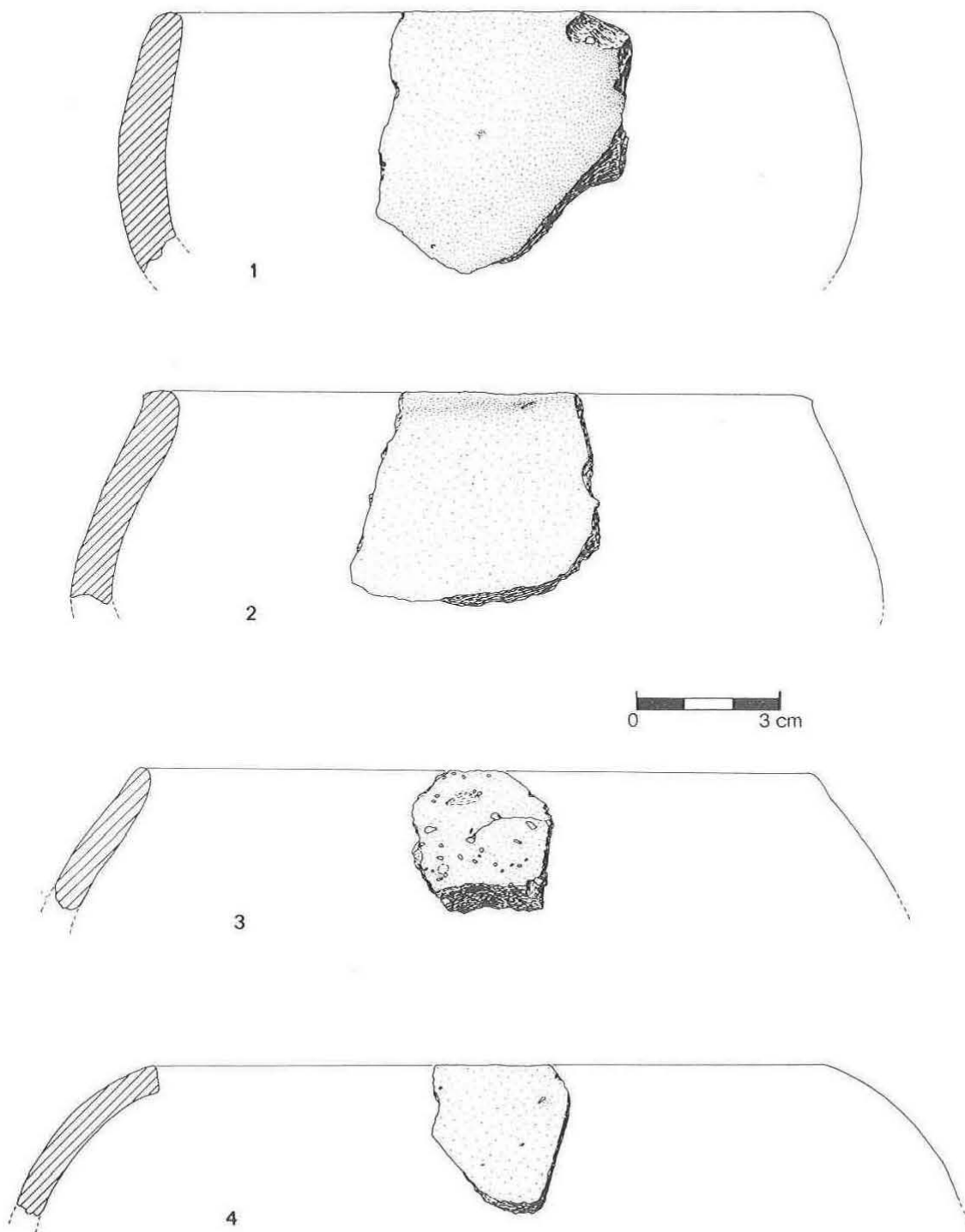
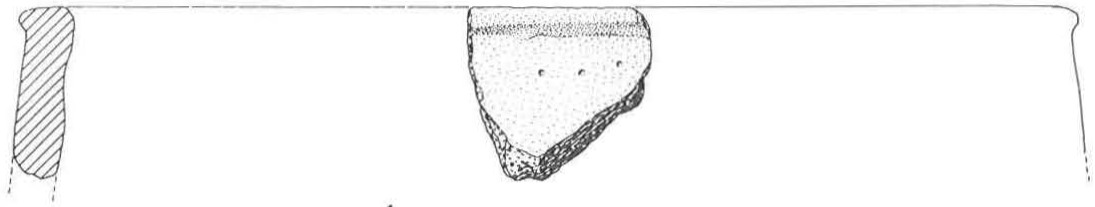
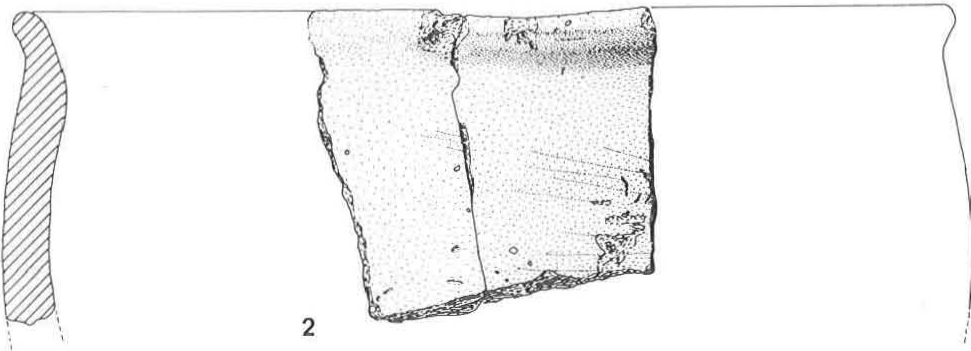


Fig. 14

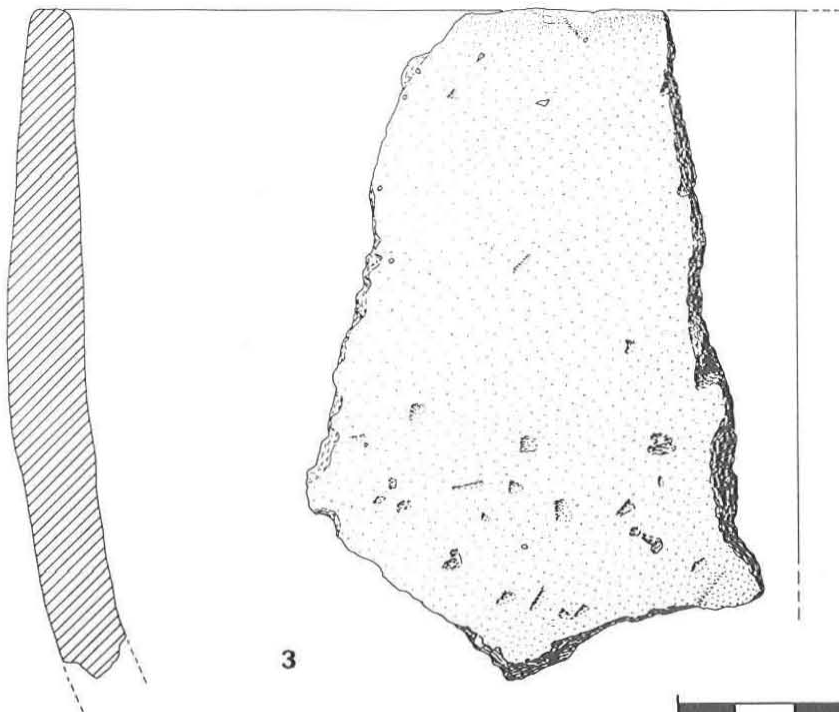
Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.



1



2



3



Fig. 15

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

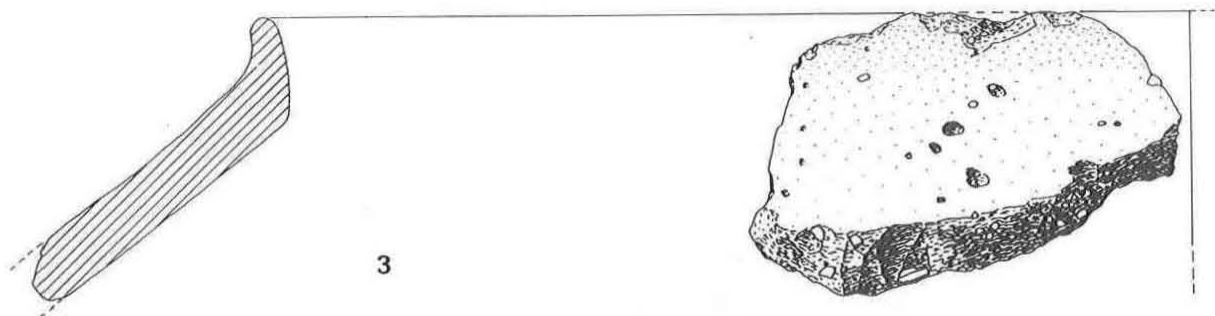
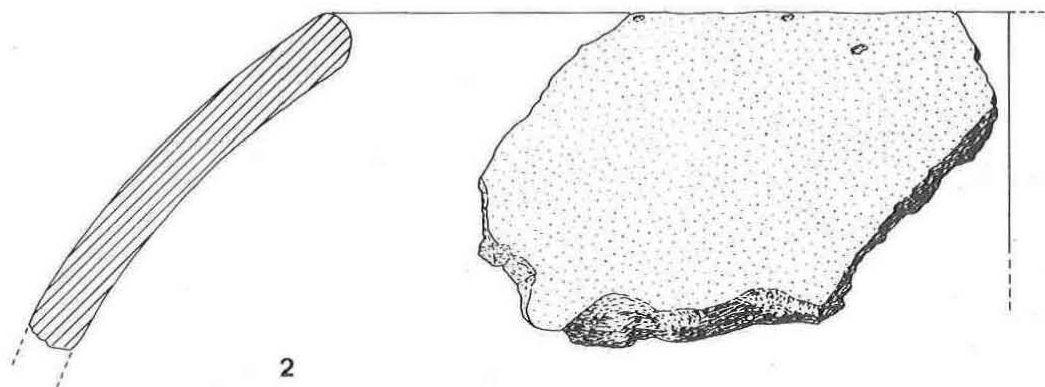
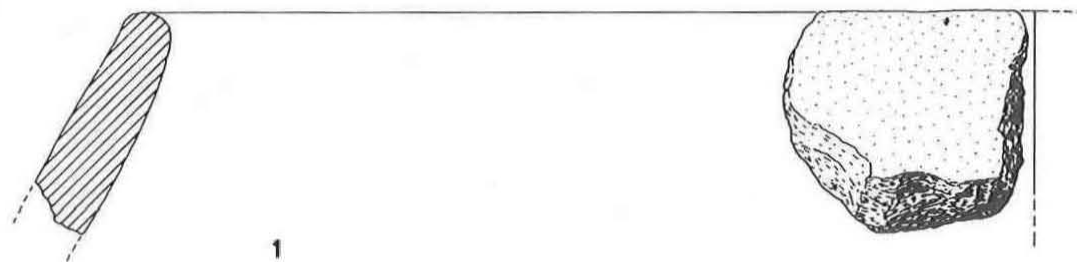
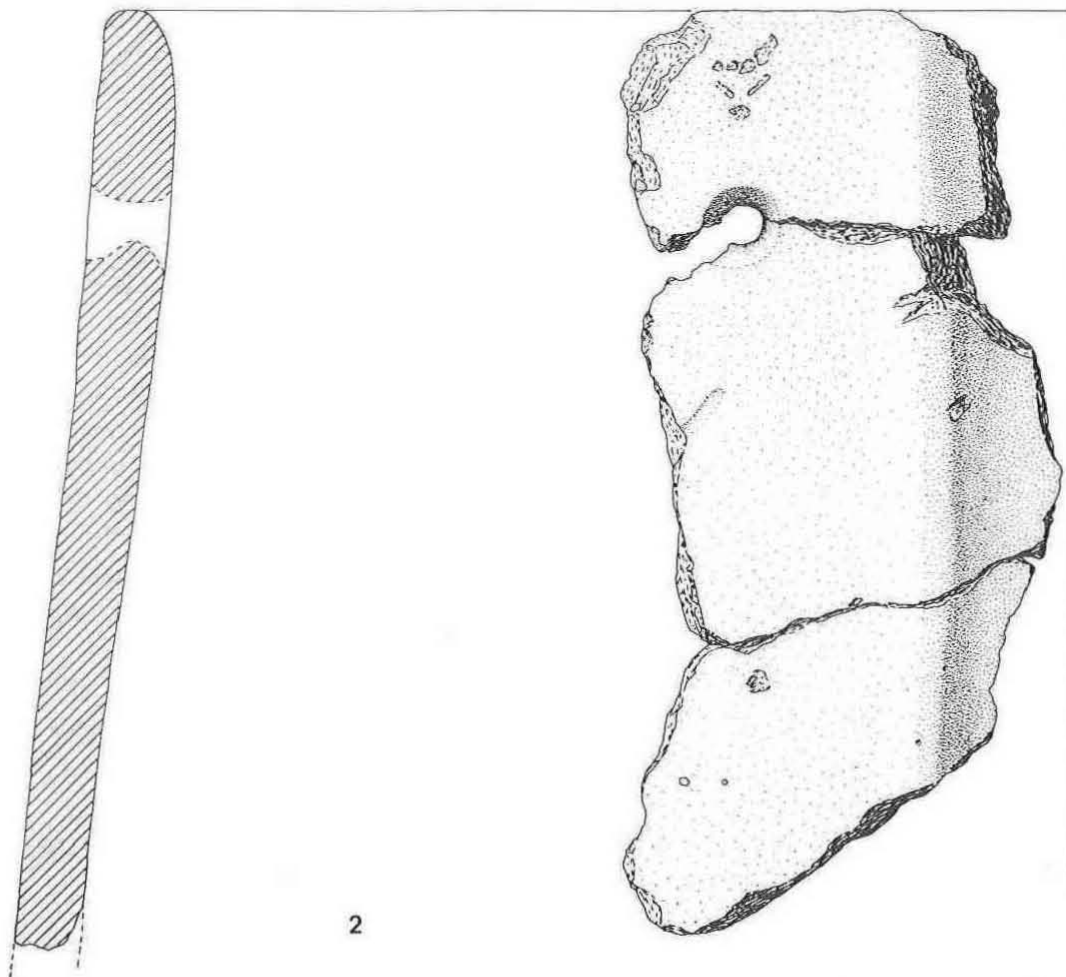
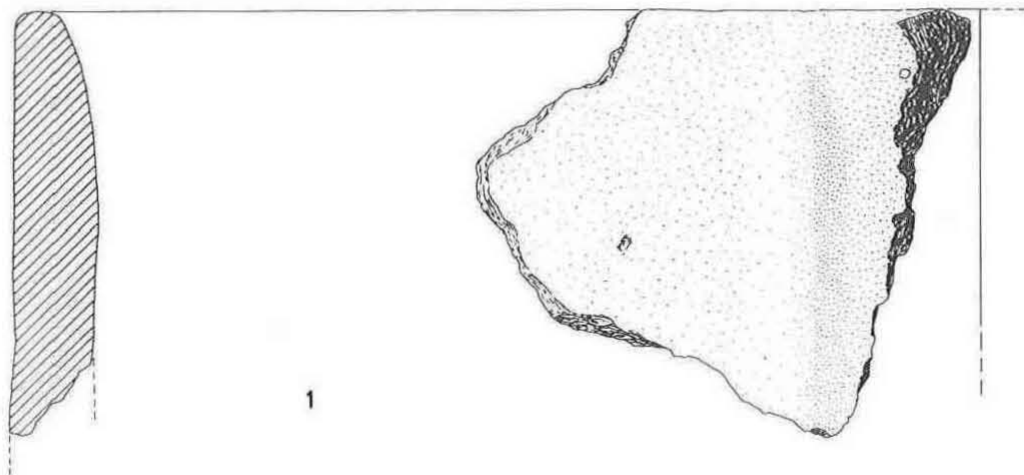


Fig. 16

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.



0 3 cm

Fig. 17

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

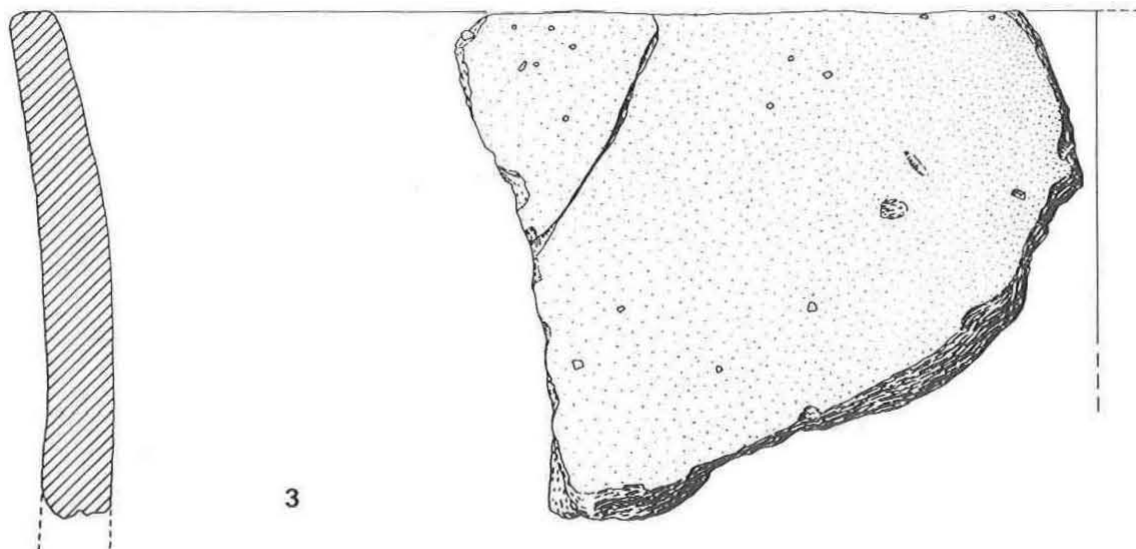
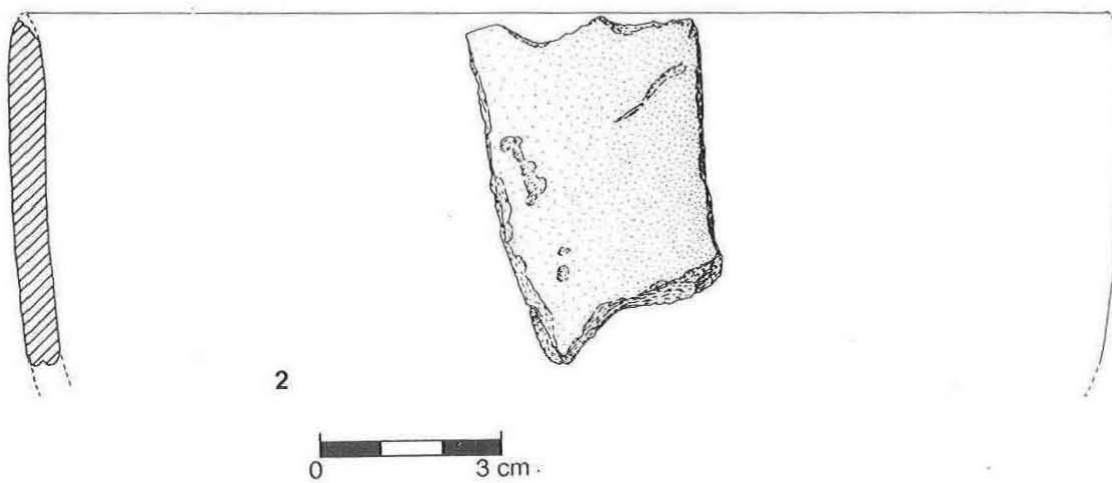
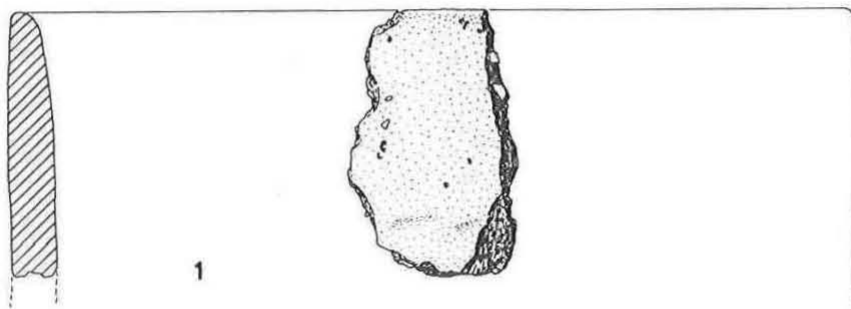


Fig. 18

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

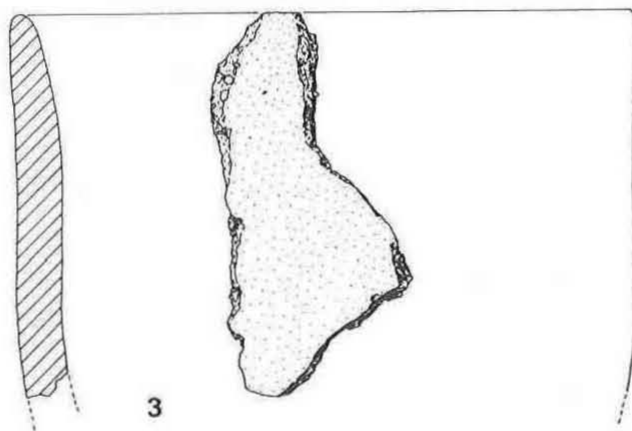
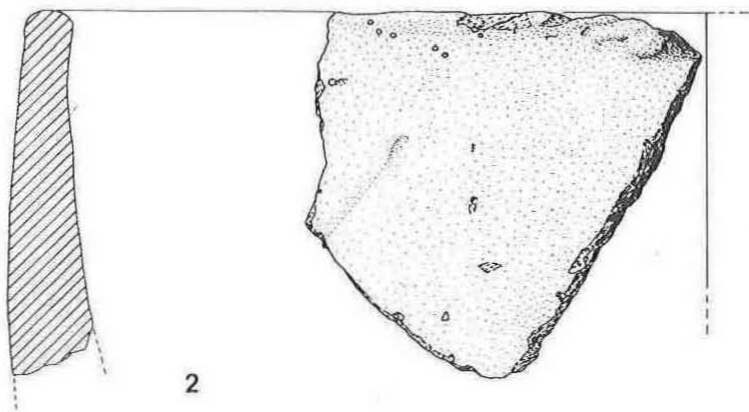
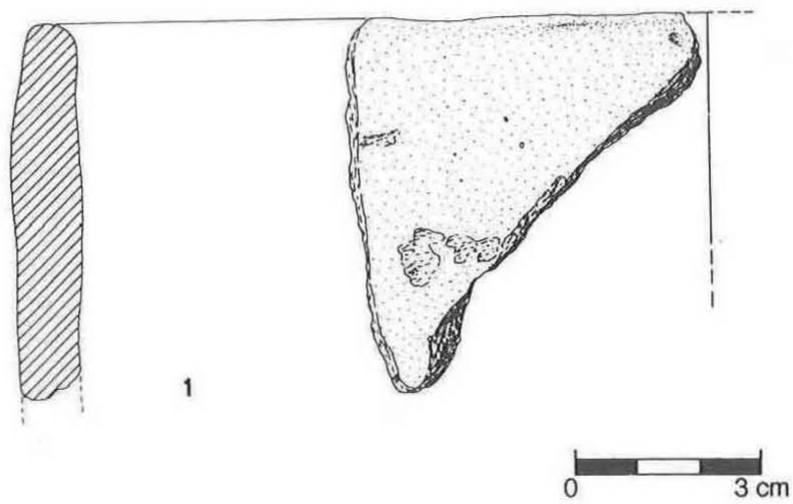


Fig. 19

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

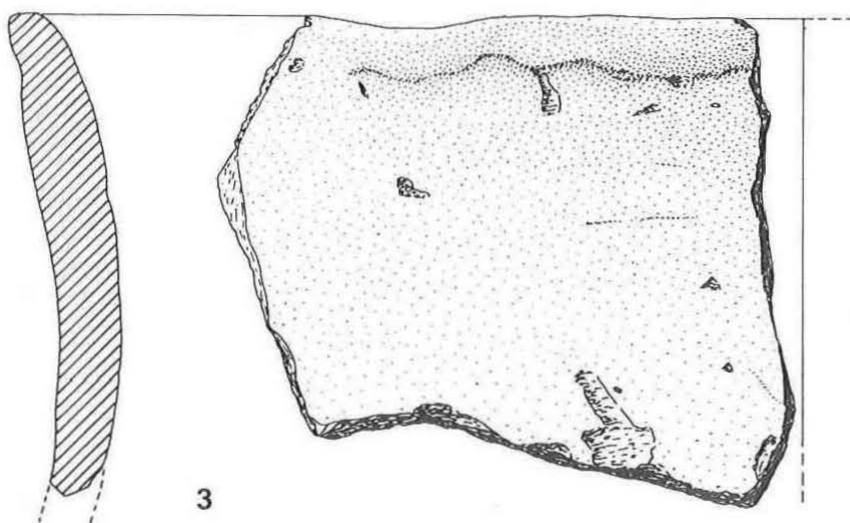
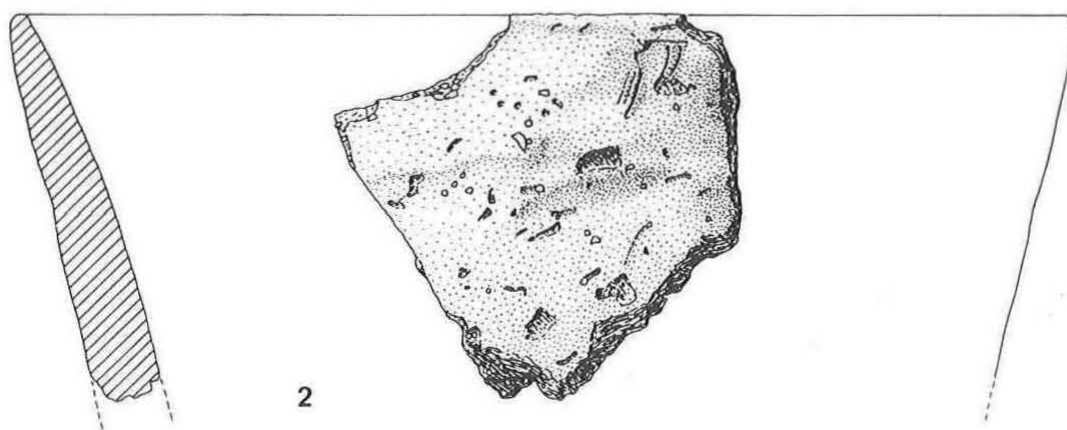
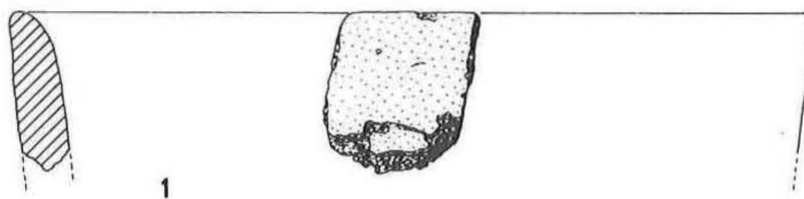
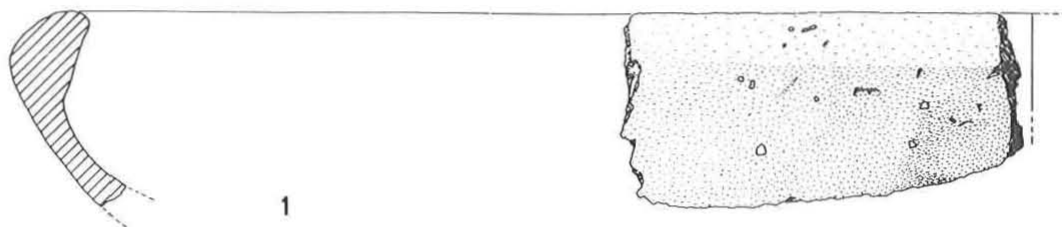
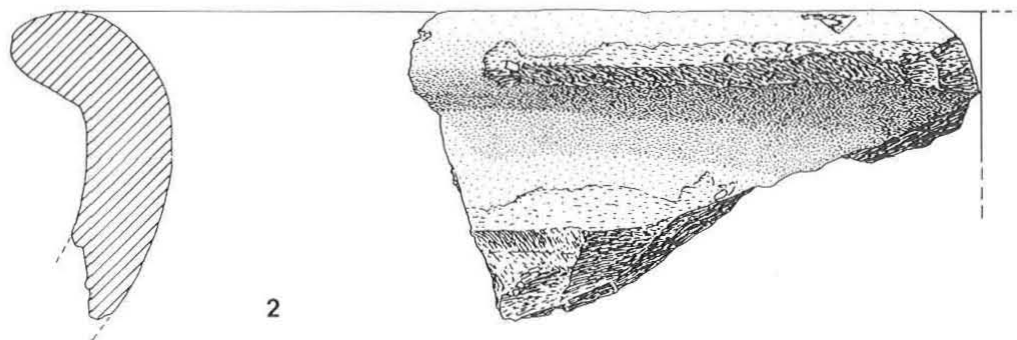


Fig. 20

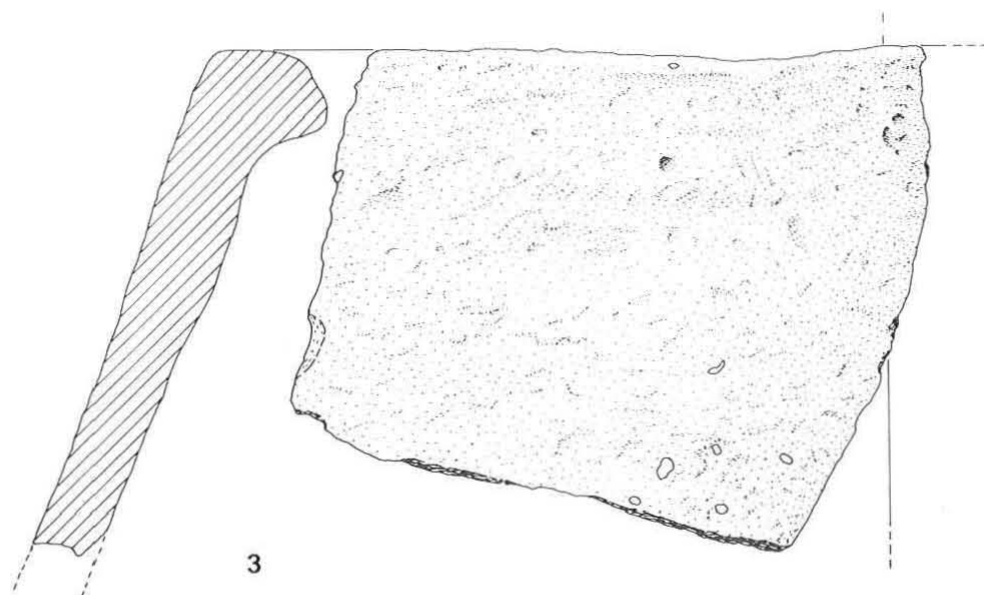
Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.



1



2



3



Fig. 21

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

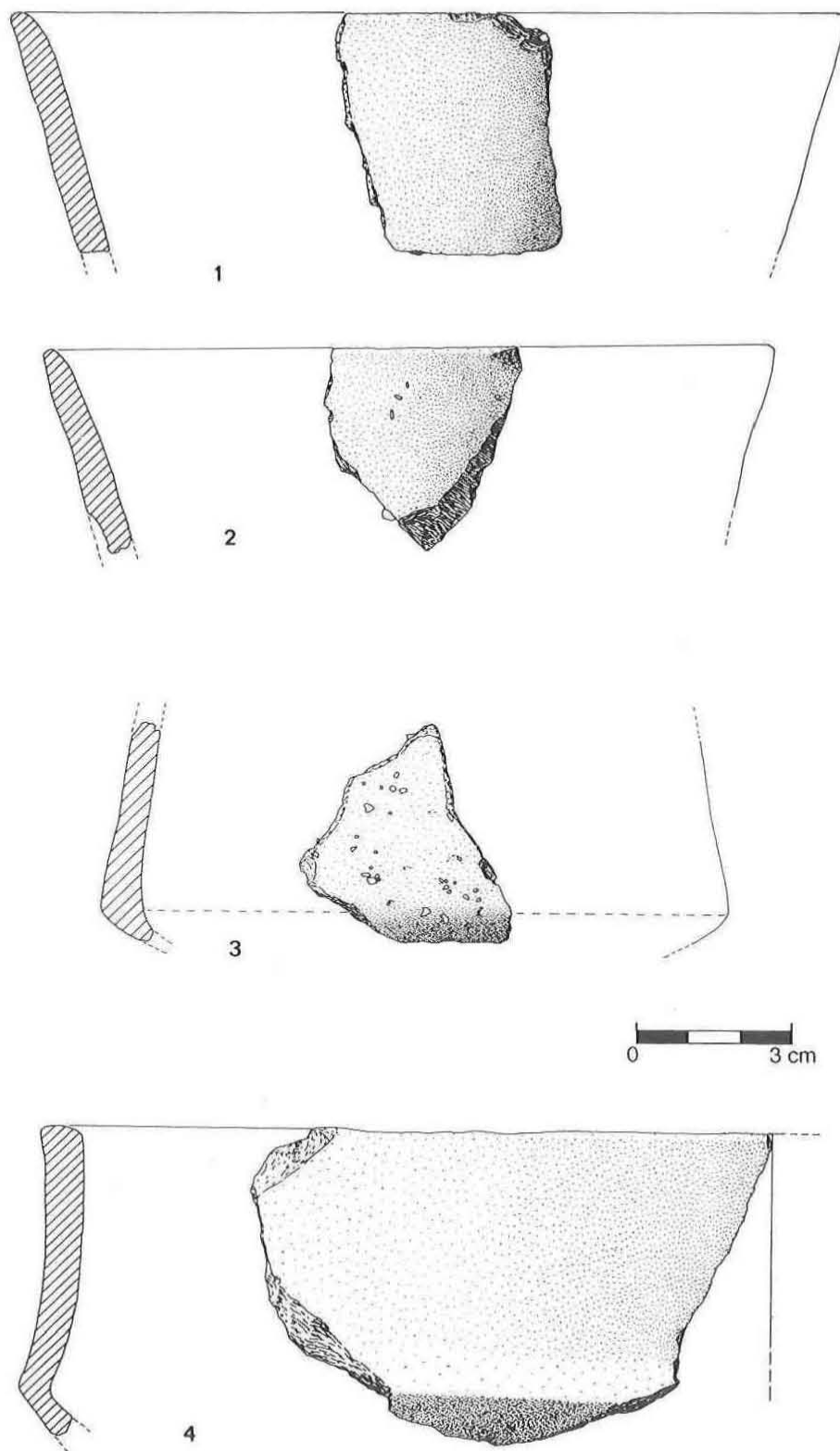


Fig. 22

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

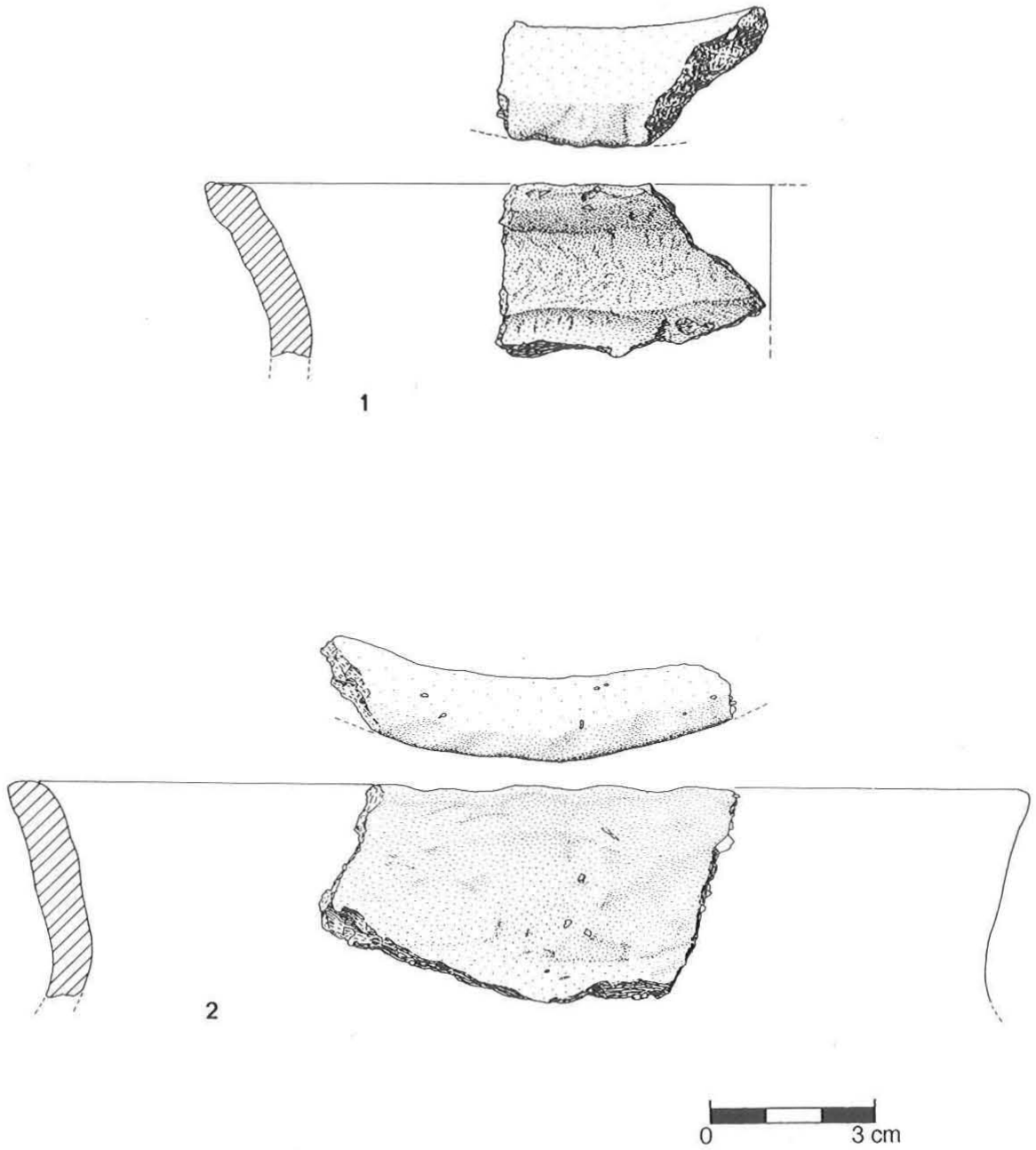


Fig. 23

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.

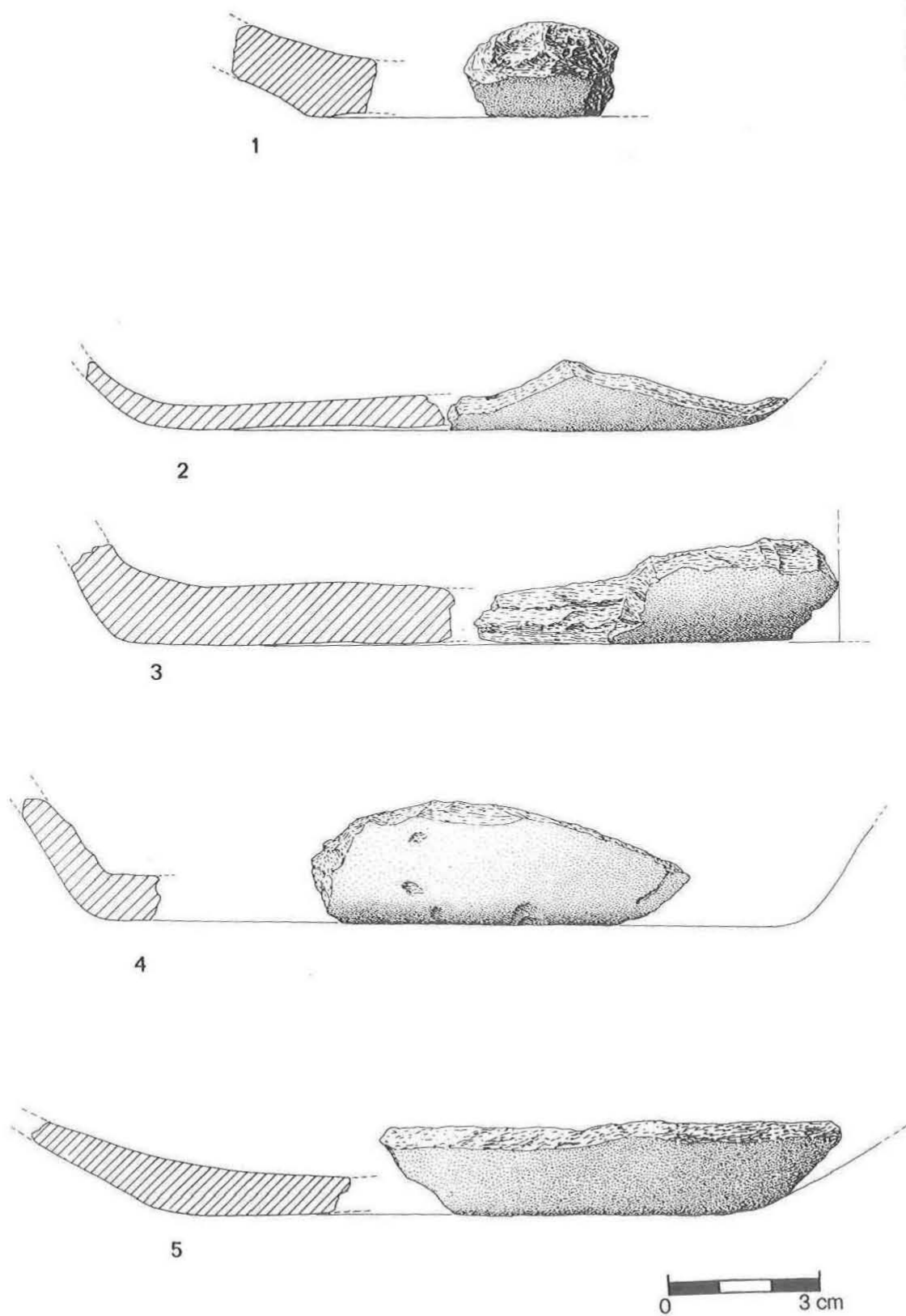
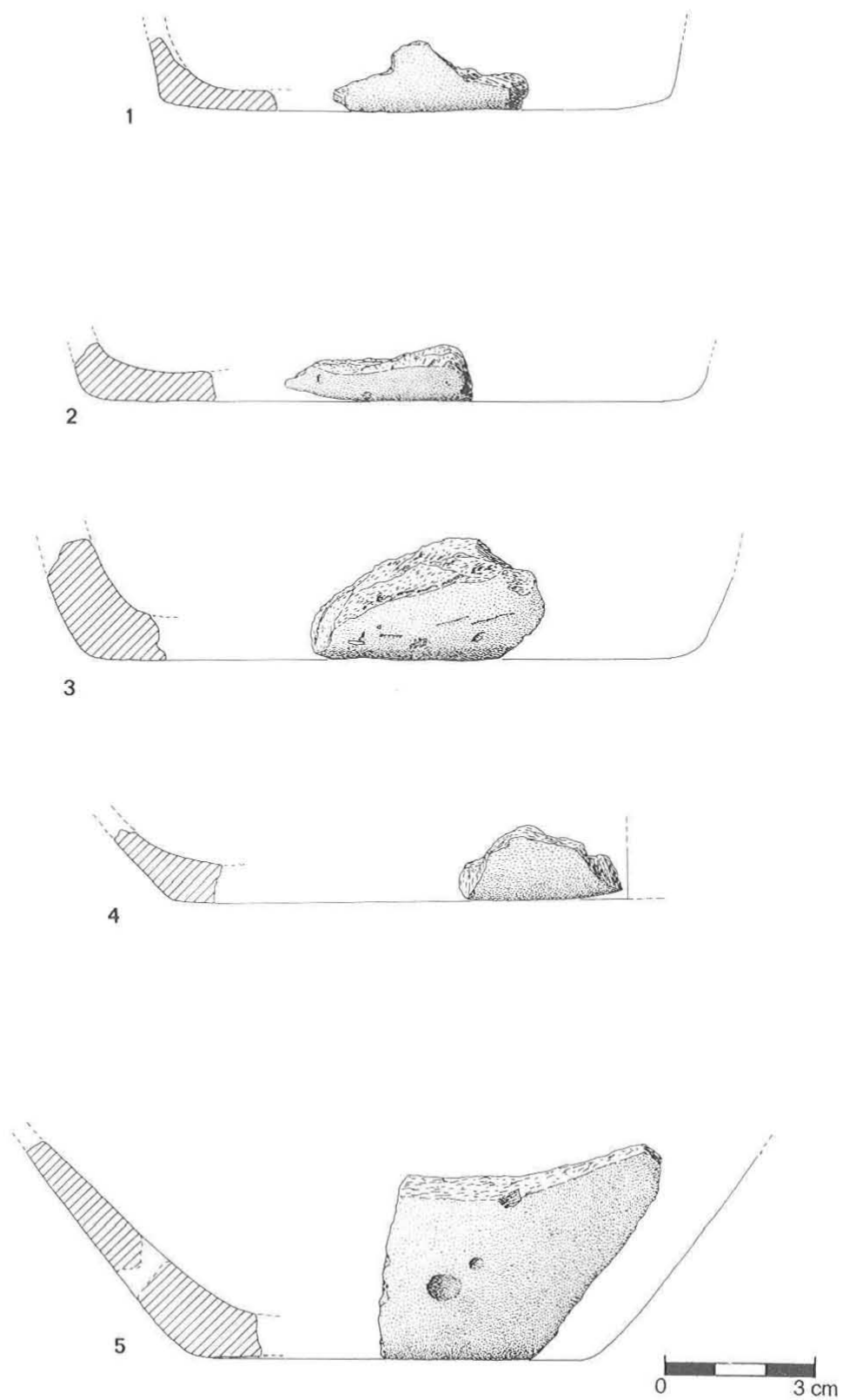


Fig. 24

Lapa da Furada (Se-
simbra). Indústria cerâ-
mica.



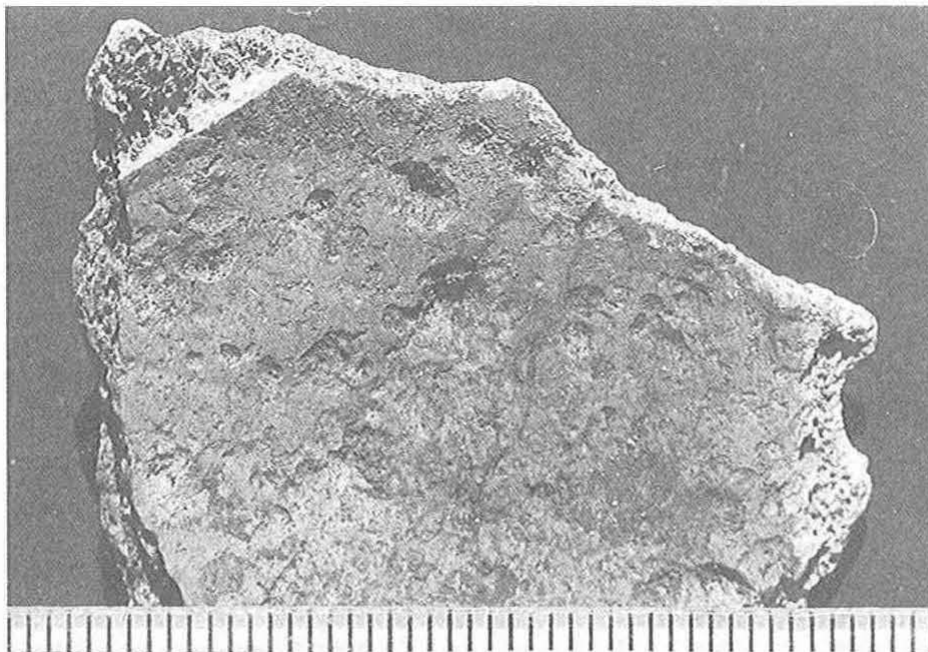


1

Fig. 25

1 – Lado interno de parietal direito (parte anterior) evidenciando goteiras vanulares de tipo moderno;

2 – Lado interno de osso craniano, evidenciando depressões punctiformes devido a corrosão (explicável pela fragilidade do osso, pertencente a crânio da criança), ou a mordeduras de pequeno carnívoro. Escalas em mm. Fotos de J. L. Cardoso



2

Fig. 26

1 – Canino com duas raízes (dente 43);
2 – dente 35 com cárie distal;
3 – dente 26 com cárie e abrasão;
4 – Pormenor de parietal direito (lado interno) com perfuração produzida por instrumento contundente perfurante; a remodelação indica sobrevivência do indivíduo. Escalas em mm. Fotos de J. L. Cardoso.



5 – ESPÓLIO ANTROPOLÓGICO

Foram observadas 4210 peças osteodentárias, das quais algumas das mais significativas foram representadas (Fig. 25 a 30). O material encontrava-se muito fragmentado (82%), nalguns casos com ganga aderente e pontuações carbonosas. A patine mostrava-se idêntica.

Procedeu-se à determinação dos ossos e dentes e à tomada de medidas com o uso da craveira e recorrendo, nalguns casos, à tábua osteométrica. Alguns dos ossos e dentes foram observados à lupa ($\times 5$ ou $\times 10$) e à lupa binocular (até $\times 100$).

Prevê-se, na continuação deste estudo preliminar, proceder a telerradiografias em certas situações que o justifiquem e à determinação do DNA, recorrendo ao Laboratório de Bioantropologia do Instituto de Medicina Legal de Lisboa. O estudo do espólio referido conduziu aos seguintes resultados gerais:

Número de indivíduos

O inventário do espólio permitiu estimar a presença de 130 indivíduos na jazida, sendo 32 do sexo masculino, 34 do sexo feminino e os restantes indeterminados. Para estes valores baixos contribui o número elevado de crianças e adolescentes (64). O elevado número de indivíduos aqui acumulado tem paralelo noutras necrópoles pré-históricas portuguesas; por exemplo, na Anta Grande do Olival da Pega – Reguengos de Monsaraz, de época calcolítica, foram estimados em 250 o número de indivíduos ali sepultados (LEISNER & LEISNER, 1951)

Grupos etários

A distribuição dos grupos etários pelos dois sexos é a seguinte:

IDADE	MASCULINO	FEMININO	SEXO INDETERMINADO
0-6 anos	—.....	—.....	5
6-12 anos	—.....	—.....	40

IDADE	MASCULINO	FEMININO	SEXO INDETERMINADO
12-18 anos	—	—	14
18-28 anos	20	23	—
28-38 anos	10	6	—
38-48 anos	2	4	—
48 ou mais anos...	—	1	—

Estatura

A determinação da estatura só foi possível em escassos casos, os correspondentes à existência de ossos longos completos de adulto (Fig. 27, n.º 2 e 3), mediante a utilização das tabelas de Manouvrier para ambos os sexos. Os resultados obtidos foram os seguintes:

SEXO MASCULINO ALTURAS ESTIMADAS

Cúbito – 275 mm.....	1716 mm (P 411)
Cúbito – 260 mm.....	1666 mm (P 415)
Rádio – 250 mm.....	1686 mm (P 414)

SEXO FEMININO ALTURAS ESTIMADAS

Úmero – 280 mm	1513 mm (P 1901)
Úmero – 318 mm	1612 mm (P 2050)
Cúbito – 231 mm.....	1546 mm (P 2004)
Rádio – 218 mm.....	1568 mm (P 2028)
Fémur – 408 mm.....	1543 mm (P 2001)
Fémur – 400 mm.....	1528 mm (P 1900)
Fémur – 430 mm.....	1595 mm (P 1905)
Tíbia – 340 mm	1568 mm (P 1906)
Peróneo – 340 mm	1582 mm (P 1907)

Todos os ossos são de indivíduos diferentes.

As respectivas médias indicam, para o homem, a estatura de 1,69 m e, para a mulher, a de 1,56 m.

O escasso número de casos em que as alturas são determináveis, não permite obter valores médios para o conjunto da população. Podemos, contudo, inferir que existiria assinalável diferença entre os dois sexos, talvez devido a tipo alimentar diferenciado (?).

Os resultados obtidos foram comparados com outros de estações pré-históricas das proximidades. Assim, ao espólio osteológico da Lapa do Bugio, corresponderiam indivíduos com estaturas médias de, respectivamente, 1,70 m e 1,60 m, para homens e mulheres, seguindo o mesmo método de avaliação (ISIDORO, 1964, p. 274). Para os sepulcros colectivos dos hipogeus de Palmela, os valores calculados,

segundo o referido método, foram, por seu turno, de 1,65 m para os homens e de 1,57 m para as mulheres (BUBNER, 1979, p. 95). Tais resultados mais acentuam a desproporção de estaturas entre os dois sexos, verificada na Lapa da Furada.

A atribuição sexual de todos os ossos longos foi baseada na existência de rugosidades de inserções musculares, as quais são mais desenvolvidas no homem.

Quanto ao fémur, na tábua osteométrica verificou-se que o ângulo de divergência formado por o eixo da diáfise e o comprimento ósseo e o ângulo do colo femural, eram de padrão feminino (mais abertos).

Raça

Em virtude da elevada fragmentação, não foi possível obter quaisquer conclusões acerca do tipo rácico. Nalguns casos, foi possível verificar que a saliência da espinha nasal anterior, o pavimento das fossas nasais e a abertura piriforme eram constantes, de tipo eurocaucasiano.

Morbilidades

No que concerne às morbilidades, as observações efectuadas podem resumir-se do seguinte modo:

- baixo nível de lesões traumáticas;
- escasso número de hipoplasias ambientais dentárias, o que indicia uma boa alimentação proteica;
- acentuado abrasionamento das superfícies oclusais dos dentes definitivos e de leite, o que sugere uma alimentação de grande dureza e já em idades inferiores a cinco anos;
- elevado índice cariogénico (Fig. 26, n.º 2 e 3), sendo de 14% em relação ao número total dos dentes definitivos e de 6% nos caducos.
Divididos pelas duas arcadas – a superior e a inferior – verifica-se uma mais acentuada percentagem de cáries nos dentes superiores (18%) comparativamente aos inferiores (10%), no que concerne aos definitivos;
- frequentes fracturas dos ângulos distais e mesiais com o bordo dos dentes incisivos superiores. As fracturas ostentam bordos com desgaste, o que significa que ocorreram em vida;
- encontraram-se vários fragmentos de ossos humanos de um adulto, incluindo ossos longos (úmero, fémur e peróneo) que, recorrendo às tabelas de MANOUVRIER, correspondem a indivíduo com 1300 mm de estatura. Trata-se, pois, de um anão. O enanismo é harmónico, sugerindo anão de origem mesológica: hipofisária, tiroideia, renal ou outra;
- não se verificam muitas doenças congénitas, facto que é a favor de um polimorfismo genético. Só se verificou um caso em que vértebra dorsal, de adulto, não apresentava fusão do arco anterior ao posterior;
- não se encontraram marcas de mordedura de carnívoros, exceptuando três ossos, em que tais marcas sugerem animal de pequeno porte (Fig. 25, n.º 2);

- não se detectaram nos ossos causas de morte, sugerindo que ela sobreveio em consequência de patologias dos tecidos moles;
- observou-se, outrossim, um quisto multilocular no fémur esquerdo do referido anão, compatível com quisto benigno (Fig. 28, n.º 1). Outro exemplo consiste em uma inflamação com perda da substância da face posterior de calcâneo esquerdo de adulto, acima do tendão de Aquiles (Fig. 30, n.º 1 e 2). Esta lesão, que dava impotência funcional do membro inferior esquerdo, sugere um evidente sentido de solidariedade nesta população, viabilizando a sobrevivência do indivíduo, no seio do grupo.

Os resultados apresentados e, designadamente, a quase ausência de lesões ósseas traumáticas, sugerem um grupo humano onde as situações de conflito não seriam frequentes, o que contrasta singularmente com as conclusões obtidas em outros conjuntos neolíticos ou calcolíticos da área cultural em que estas populações naturalmente se integrariam (CARDOSO *et al.*, 1991). Por outro lado, também a ausência de hipoplasias dentárias, ao invés do verificado em conjuntos calcolíticos desta mesma região cultural, como Leceia (CARDOSO *et al.*, 1991), parece indicar que não se faria sentir uma tão acentuada penúria alimentar, como a correspondente às populações do Calcolítico pleno daquele importante núcleo humano, não obstante ser idêntica a cronologia deste depósito funerário.

Fig. 27

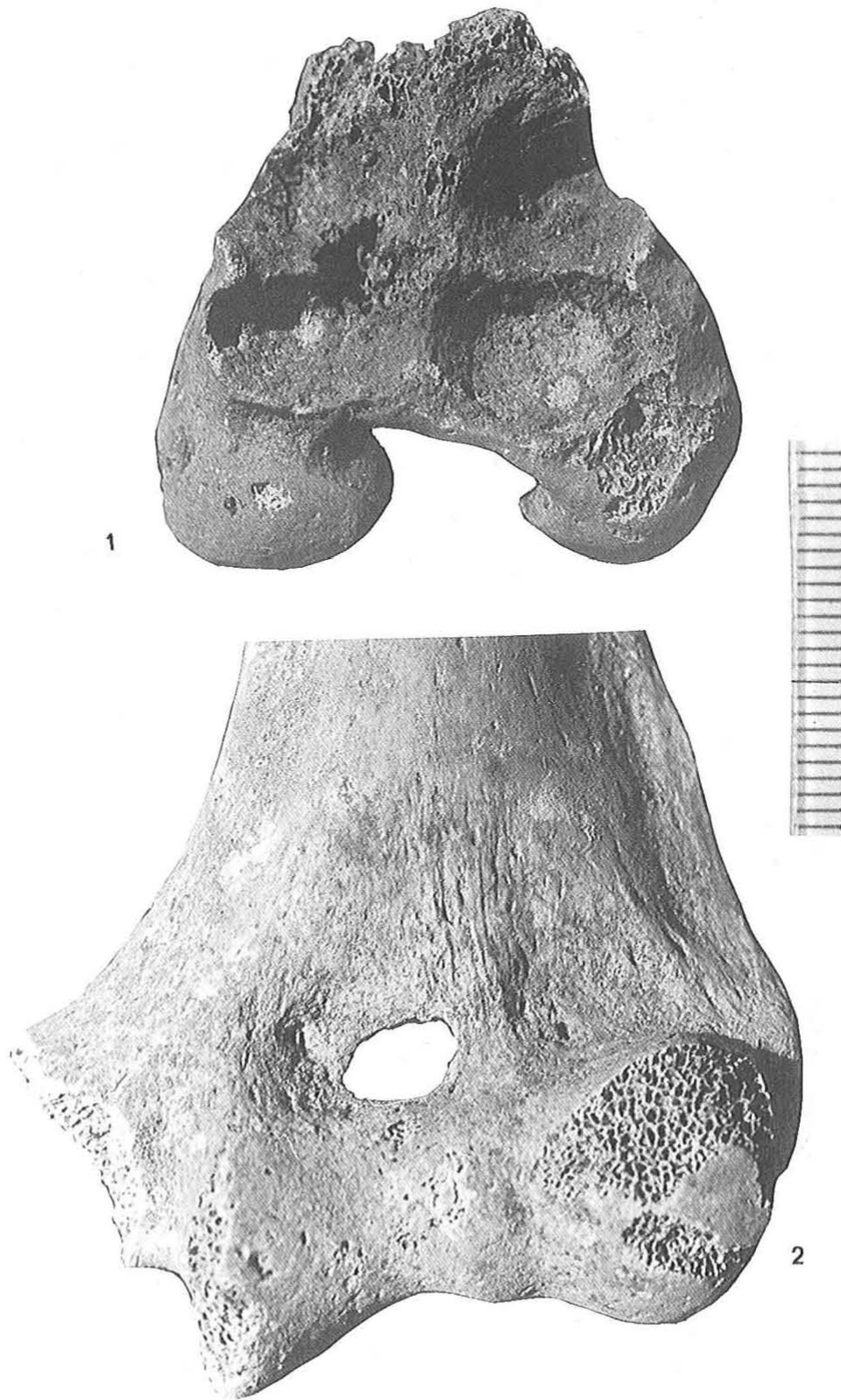
1 – Extremidade distal de diáfise de fêmur de adolescente, sem união da epífise, denotando grande robustez;
2 – Cúbito direito de adulto jovem;
3 – Rádio direito de adulto jovem. Escala em mm.
Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 28

1 – Vista transversal de diáfise e epífise distal soldadas de fémur esquerdo com quatro cavidades produzidas por compressão de quistos (fémur de anão);
2 – Extremidade distal de diáfise de úmero direito com perfuração olecraneana. Escala em mm.

Fotos de J. L. Cardoso.



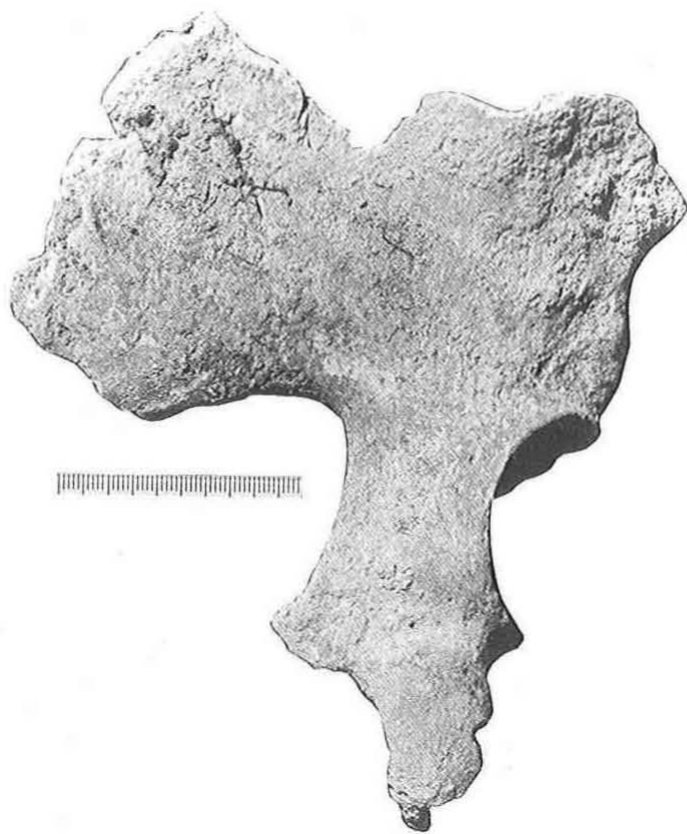


Fig. 29

Em cima: osso coxal esquerdo de indivíduo masculino;
em baixo: pormenor do bordo de íliaco esquerdo de criança de 6-8 anos. Escalas em mm. Fotos de J. L. Cardoso.

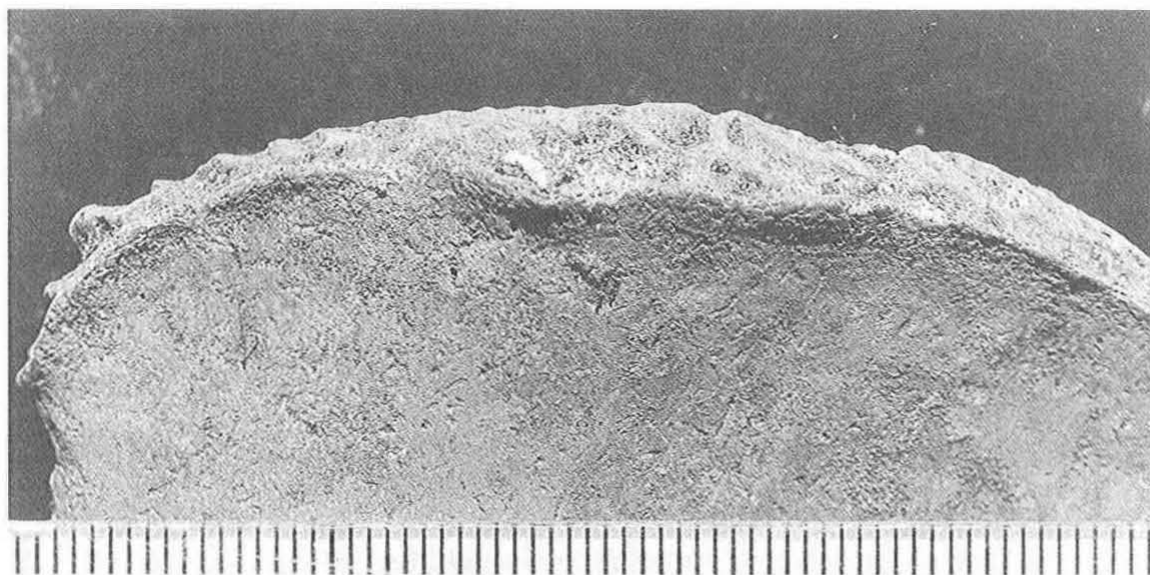


Fig. 30

Calcâneo esquerdo evidenciando, na face posterior e superior, perda de substância correspondente a uma osteíte com origem em uma tendinite. Escalas em mm.

Fotos de J. L. Cardoso.



LAPA DA FURADA / 1992

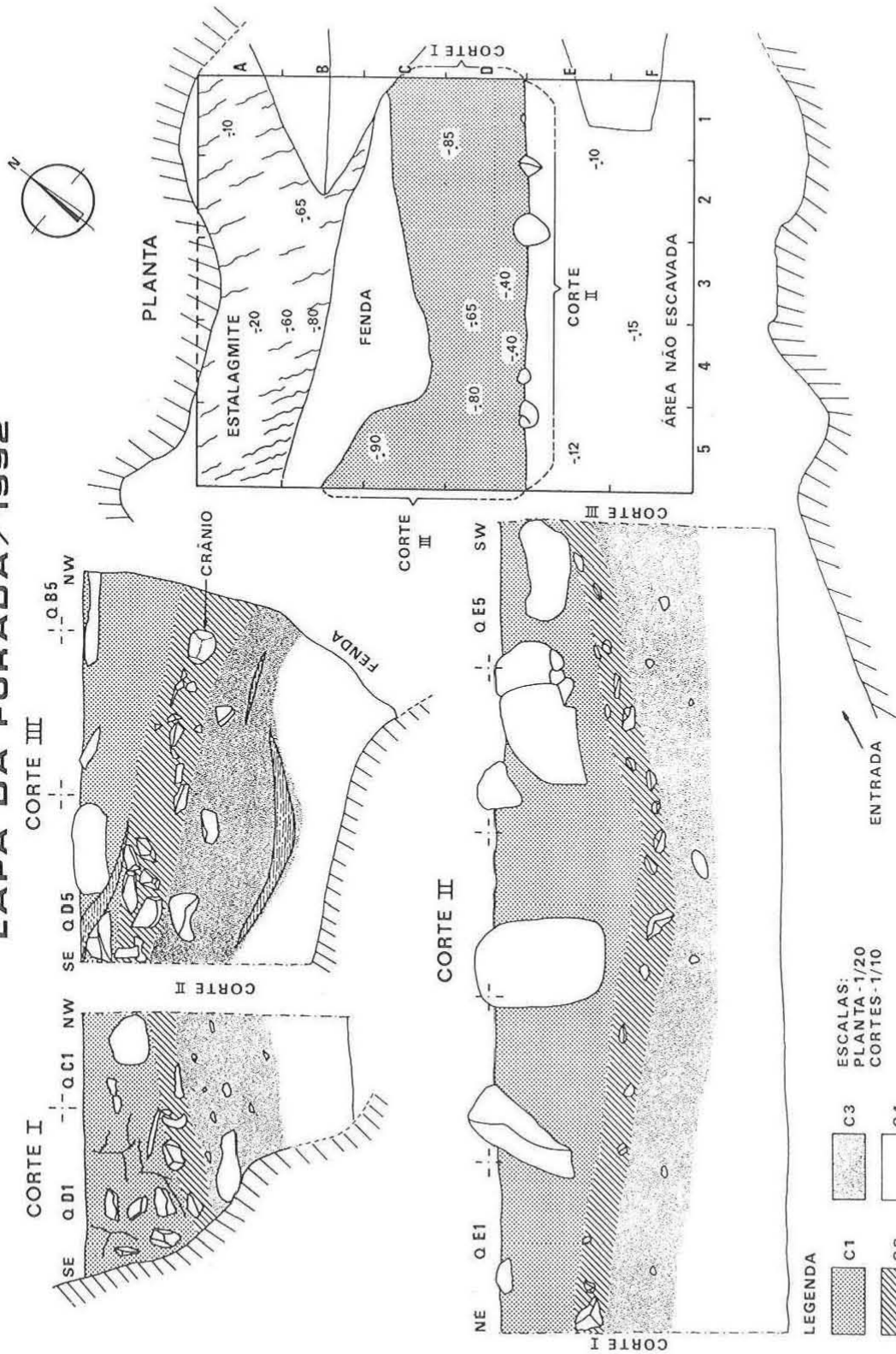
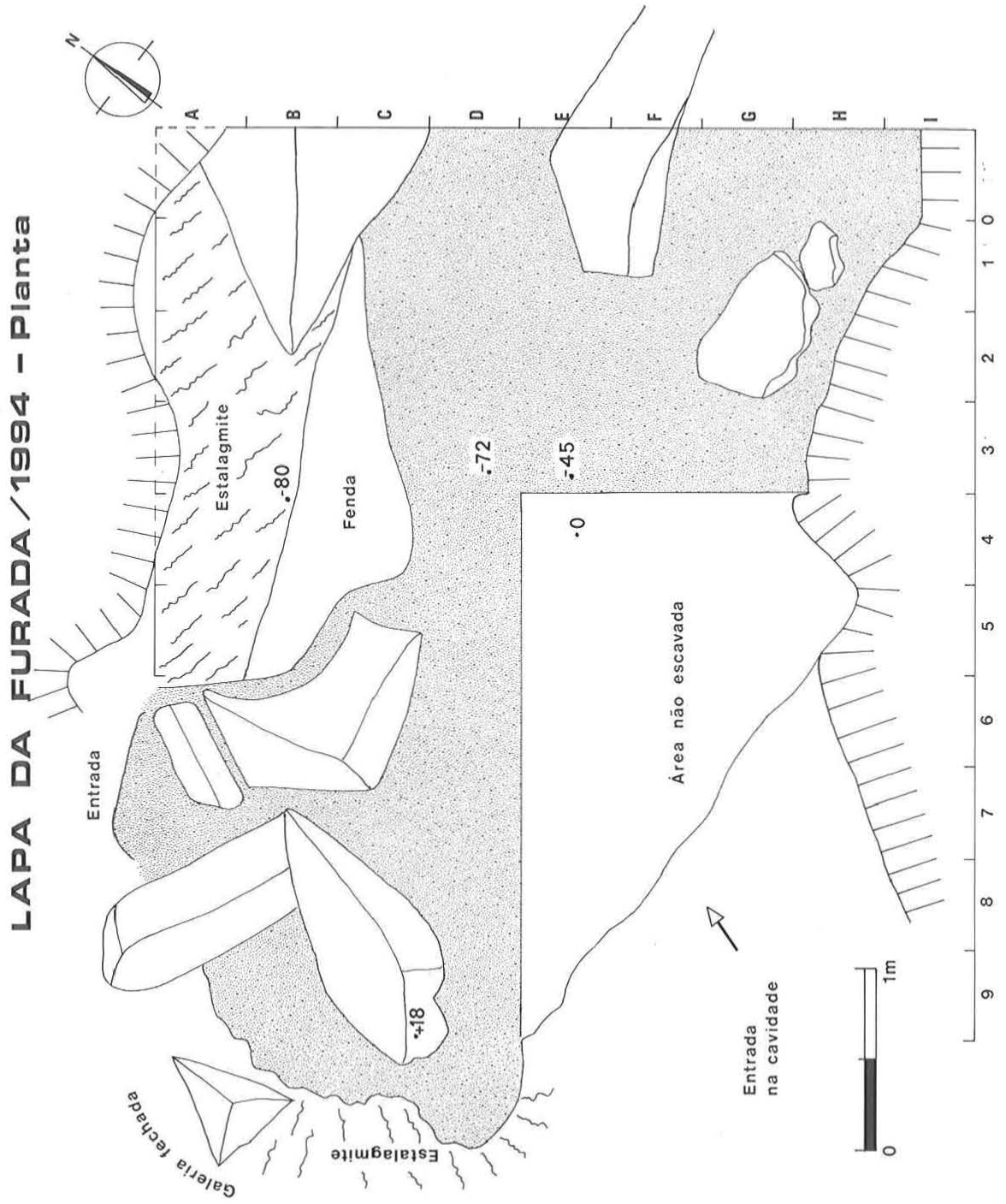


Fig. 31

Lapa da Furada (Se-simbra). Planta e cortes da área escavada em 1992.

Fig. 32

Lapa da Furada (Se-simbra). Planta da área escavada em 1994.



6 – DISCUSSÃO, CRONOLOGIA

A tipologia dos artefactos arqueológicos anteriormente apresentados levantava legítimas dúvidas quanto à cronologia do depósito funerário. Com efeito, tendo este sido constituído de uma só vez e, certamente, em curto intervalo de tempo – caso contrário dificilmente se explicaria a sua constância e continuidade estratigráfica, bem como a correspondente homogeneidade da sua própria estrutura e natureza – como explicar então a ocorrência, no seu seio, de materiais de tão díspar atribuição cronológico-cultural?

Para responder a esta questão, teremos, primeiro, de esclarecer uma condição prévia essencial, a saber: todos os artefactos provêm ou não do mesmo (e único) nível ossífero? Sendo certo de que neste coexistiam materiais neolíticos (embora muito escassos) e mais recentes, já não será legítimo generalizar tal situação; por outras palavras, há materiais neolíticos recolhidos fora do ossuário. Estão neste caso o machado e a enxó, que jaziam lado a lado, na Camada 3, subjacente à dos ossos, em zona já não ocupada por esta, ocorrendo os restantes em posição periférica ao ossuário, ou abaixo deste. No que respeita ao machado e à enxó, de momento, interessa salientar o facto de a sua posição, à entrada da sala para quem penetrava nela, vindo do exterior, documentar a presença humana na cavidade no decurso do Neolítico final. Com efeito trata-se de duas peças características desta fase cultural, muito bem representadas na Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992). Deste modo, a formação do ossuário – que ocupa sobretudo a zona central da sala – seria posterior àquela dupla deposição. O carácter inegavelmente ritual que tal associação encerra coloca, entretanto, outra hipótese: é provável que a sala tenha sido aproveitada, no Neolítico final, como pequeno espaço funerário, situação que possui, na vizinha Lapa do Bugio, situada apenas a escassas dezenas de metros, o seu paralelo mais próximo, tendo fornecido numerosos exemplares idênticos de ambos os tipos em apreço (CARDOSO, 1990, 1992). Porém, atendendo à penúria de artefactos seguramente atribuíveis a tal fase cultural, talvez que, à data da formação do ossuário, a quase totalidade do mobiliário neolítico já tivesse sido removida da cavidade. Tal situação poder-se-á explicar por duas ordens de razões:

- 1 – a sala foi objecto de limpeza deliberada. Desta forma, teriam sido evacuados quase todos os testemunhos da anterior necrópole. Podemos, pois, concluir, que tal prática seria corrente na região; basta lembrar-mo-nos de que na própria Lapa do Bugio se reconheceu, a par de sepulturas individualizadas, conservando-se os segmentos ósseos ainda em conexão anatómica, uma acumulação de ossos humanos, caóticamente dispostos, constituindo verdadeiro ossuário (MONTEIRO *et al.*, 1971).
- 2 – a sala sofreu um intenso processo erosivo provocado pelas águas de circulação no interior da vasta gruta, de que resultou a remobilização dos restos relacionados com a necrópole. Tal hipótese, que à primeira vista parece longínqua ou académica, ganha consistência ao considerarmos a existência de uma galeria subjacente à sala em causa, e apenas separada desta por uma fina camada concrecionada – a Camada 4 – facilmente removível, como se verificou pela escavação, no decurso da qual aquela foi facilmente atravessada. Sendo assim, nada obsta a que a acção continuada dos agentes naturais tivesse produzido o referido efeito, no decurso da abertura da galeria inferior.

Seja como for, não é crível que uma deposição de significado simbólico tão marcado, como é a associação do machado e enxó, se possa explicar isoladamente de um contexto mais vasto em que, certamente, deveria integrar-se.

Em qualquer dos casos, considerando a evidência estratigráfica, o ossuário ter-se-ia formado em época mais recente. Tal conclusão é reforçada pelos materiais cerâmicos que nele se recolheram, os quais, quando característicos, indicam indubitavelmente a Idade do Bronze. Deste modo, colocava-se uma outra questão, a de saber a exacta idade dos materiais osteológicos que os acompanhavam. Com efeito, uma coisa seria a formação de um ossuário, na Idade do Bronze, à custa de restos mais antigos; uma outra, completamente diferente, a prática da deposição secundária dos despojos humanos de indivíduos pertencentes a tal época, situação de que não havia, até ao presente, em Portugal, qualquer evidência. Esta questão, contudo, só poderia esclarecer-se mediante a realização de análises cronométricas, conducentes à determinação da cronologia absoluta dos referidos restos humanos. Para o efeito, foi enviada ao laboratório de radiocarbono do ITN uma amostra de ossos, susceptível de fornecer uma idade global para a respectiva camada. Cumpre agradecer ao Eng. Monge Soares, responsável pelo laboratório de radiocarbono do ITN, a compreensão demonstrada ao ter promovido a execução de análise de radiocarbono em tão curto espaço de tempo, por forma a poder ser utilizada neste trabalho. Os resultados obtidos foram os seguintes:

ICEN 1240 - 4050 ± 50 BP (BP = antes do presente).

Efectuando a calibração desta data, utilizando a curva de Pearson e Stuiver, para anos de calendário, obtiveram-se intersecções em:

2572; 2513; e 2508 cal AC (AC = antes de Cristo).

Considerando um intervalo de segurança de 1 sigma, a data correspondente situa-se entre os limites de 2615 - 2485 cal AC.

Para um intervalo de segurança de 2 sigma, correspondente a 95% da probabilidade, determinaram-se os seguintes três intervalos:

2860-2814 cal AC; 2731-2730 cal AC; e 2694-2461 cal AC.

Dos três intervalos referidos, a maior percentagem de probabilidade situa-se no último. Desta forma, a população cujos despojos foram acumulados na Lapa da Furada terá habitado a região no decurso do segundo quartel do terceiro milénio, grosso modo entre 2700 e 2450 anos antes de Cristo.

Esta data vem, assim, demonstrar cabalmente que se trata de restos humanos anteriores ao advento da Idade do Bronze; conseqüentemente, pode concluir-se que foram populações da Idade do Bronze as responsáveis pela acumulação do ossuário, mas não à custa dos despojos dos seus próprios elementos. Tal conclusão, porém, exigiu um prévio esclarecimento: com efeito, não havendo dúvidas da associação estratigráfica de cerâmicas da Idade do Bronze aos despojos humanos, poderia, no entanto, levantar-se a hipótese de tais restos se terem introduzido verticalmente na camada ossífera, mais antiga. Não parece que tal corresponda à realidade; com efeito, se assim fosse, a referida camada teria forçosamente aspecto muito mais remexido e perturbado, tal é a quantidade de materiais cerâmicos da Idade do Bronze que contém, o que não se verifica; bem ao contrário, como atrás se referiu, assume aspecto regular e homogêneo. Assim sendo, resta, ainda, responder a uma última interrogação, a saber: quais as motivações que justificaram, para as populações da Idade do Bronze, a adopção de tal procedimento, isto é, a acumulação intencional, no interior da gruta, de um ossuário?

A hipótese considerada mais provável atribui, em conclusão, à população da Idade do Bronze a remoção, de uma outra cavidade, situada nas vizinhanças, do volumoso espólio osteológico, mais antigo, depois depositado na Lapa da Furada, de mistura com numerosos fragmentos de cerâmicas que faziam parte do seu quotidiano. Só assim julgamos poder explicar-se a íntima associação dos referidos fragmentos, que ocorrem em grande abundância, aos ossos humanos, de idade calcolítica. Tal deposição – cujos correspondentes restos se sobrepuseram ao local anteriormente ocupado no Neolítico final – terá sido determinada pela necessidade de manter utilizável a gruta de onde provieram, na Idade do Bronze, situável nas proximidades, mas ainda não identificada.

Tal gruta não poderá corresponder à Lapa do Bugio, apesar de ser sugestiva a grande proximidade desta. Com efeito, as tumulações ali verificadas remontam, sobretudo, ao Neolítico final, sendo portanto mais antigas que a cronologia absoluta obtida para os restos humanos da Lapa da Furada; por outro lado, na Lapa do Bugio não se reconheceu presença significativa de materiais da Idade do Bronze (CARDOSO, 1992).

A utilização de grutas naturais na Idade do Bronze é uma realidade bem conhecida na região estremenha. Recorde-se a presença paradigmática dos materiais cerâmicos com ornatos brunidos, do final do Bronze Final na Lapa do Fumo, outra gruta natural situada cerca de 2 km para ENE, e no mesmo flanco da Arrábida

(SERRÃO, 1958, 1959, 1970), estação onde foram pela primeira vez reconhecidos e estudados. É provável que a ocorrência de cerâmicas da Idade do Bronze na Lapa do Fumo, a par de outras, também conhecidas em numerosas grutas naturais estremanhas, se possa relacionar com a existência de santuários rupestres, e não de necrópoles, atendendo à escassez de restos humanos seguramente reportáveis a tal período (GOMES, 1992). Talvez fosse esse o propósito que presidiu à limpeza da gruta de onde provieram os restos osteológicos acumulados na Lapa da Furada. De referir, no entanto, que os materiais cerâmicos da Idade do Bronze que aqui se recolheram são mais antigos do que os da Lapa do Fumo: não se identificou um único fragmento com os característicos ornatos brunidos, que ali pontificam. Com efeito, a tipologia dos recipientes sugere fase cultural mais antiga, de transição do Bronze médio para o Bronze Final; ainda são patentes as afinidades com as formas recolhidas no Catujal – povoado do Bronze médio datado pelo radiocarbono em: ICEN 843 – 3570 ± 45 BP, resultado a que, para um intervalo de 2 sigma, corresponde um intervalo de 2028-1752 cal AC (CARDOSO, 1994a). Por outro lado, os resultados das cinco datações absolutas pelo radiocarbono obtidas para a Tapada da Ajuda, pequeno povoado pertencente ao início do Bronze Final e igualmente efectuadas no ICEN, bem como a respectiva calibração, efectuada segundo a curva de Pearson e Stuiver, com a aplicação da função densidade de probabilidade, vieram mostrar que o respectivo contexto se deverá atribuir ao século XIII AC, ou à segunda metade do anterior (CARDOSO & CARREIRA, 1993; CARDOSO, 1994a).

Em conformidade, os materiais da Idade do Bronze da Lapa da Furada deverão situar-se cronologicamente entre aquelas duas balizas, ou seja, entre 1700 e 1400 anos a. C., ainda culturalmente pertencentes ao Bronze médio, fase cultural ainda tão mal conhecida mas que, a pouco e pouco, mercê de recentes contributos, vem sendo desvendada na Estremadura.

7 - RITUAIS FUNERÁRIOS

Os rituais funerários cujos traços possam ser susceptíveis de vislumbre, na Lapa da Furada, como não podia deixar de ser, apresentam-se muito fragmentários. Assume especial importância, no que concerne aos rituais funerários do Neolítico final, a associação constituída por um machado de anfibólito e uma enxó de sílex ou de vulcanito, ambos sem sinais de uso, constituindo uma deposição ritual, à entrada da sala. Esta associação é bem conhecida em estações sepulcrais da Estremadura e Alentejo, do Neolítico médio em diante. Àquela fase cultural reporta-se, com efeito, a anta I do Poço da Gateira, que no seu nível mais antigo continha estes dois tipos artefactuais (LEISNER & LEISNER, 1951). Como refere GONÇALVES (1992, p. 98), “Talvez um dos aspectos mais importantes do ritual observado pelos escavadores da câmara e do próprio corredor de Poço da Gateira 1 seja a associação, por enterramento, de 1 machado + 1 enxó (ou goiva). Contrariamente à opinião de G. e Vera Leisner sobre a função da enxó nas sociedades agrícolas (1951: 51), toda a informação etnológica parece unânime em ligá-la ao trabalho da madeira, após o abate da árvore. Assim, cada inumado em Poço da Gateira 1 empunharia um instrumento relacionado com o derrube da árvore (o machado) e outro relacionado com a transformação do tronco em artefactos utilitários ou com a construção de estruturas (a enxó ou a goiva) (...). Há portanto duas fases, numa única sequência tecnológica, que estes artefactos simbolizam”. O conjunto ritual da Lapa da Furada simbolizaria, pois, a complementaridade dos dois tipos de artefactos, numa das mais importantes actividades quotidianas do Neolítico final.

Com efeito, a generalidade dos exemplos relativos a tal associação reporta-se ao Neolítico final. Assim, no que concerne às grutas naturais, o nível neolítico da gruta das Salemas – Loures, continha cinco machados e três enxós (FERREIRA & CASTRO, 1972); a gruta da Cova da Moura – Torres Vedras, trinta e sete machados e dezoito enxós (BELO *et al.*, 1961); e a Lapa da Galinha – Alcanena, aproximadamente igual número de machados e de enxós (SÁ, 1959). Nas grutas de Cascais, verificou-se mesmo predominância das enxós sobre os machados (PAÇO, 1941; PAÇO *et al.*, 1959).

Nalgumas grutas artificiais, este aspecto mantém-se: nas quatro grutas da Quinta do Anjo – Palmela, recolheram-se cinquenta e dois machados e trinta e uma

enxós (LEISNER *et al.*, 1961) e na gruta II de S. Pedro do Estoril – Cascais, quatro machados e igual número de enxós (LEISNER *et al.*, 1964).

Outro aspecto dos rituais funerários – este relativo à Idade do Bronze – que ficou registado na Lapa da Furada respeita ao uso do fogo. Com efeito, foram numerosos os carvões recolhidos no ossuário, bem como os ossos com pontuações carbonosas. Tais factos conduzem à conclusão da existência de fogueiras rituais, cuja data contudo não podemos precisar: na necrópole primária, no decurso do Calcolítico, ou já coevas da transladação dos restos desta para a Lapa da Furada, na Idade do Bronze, a qual terá sido acompanhada de determinado cerimonial, que nos escapa irremediavelmente. Os ossos terão sido transportados em cestos e depositados com algum cuidado, como demonstra a presença de ossos longos e de um crânio, intactos; o elevado grau de fracturação que ostentam, é sobretudo imputável às vicissitudes sofridas na necrópole primária.

A existência de fogos rituais, susceptíveis de justificar a aludida presença de carvões encontra-se documentada em numerosos monumentos megalíticos, desde a sua fase mais antiga, representada por exemplo pelo monumento do Marco Branco - Santiago do Cacém (SILVA & SOARES, 1983). Talvez que, em parte, tal prática tivesse simplesmente uma finalidade higiénica. Retenha-se, a propósito, a observação de RIBEIRO (1878) acerca das abundantes cinzas associadas a restos humanos, na gruta da escarpa de Leceia, um depósito secundário calcolítico como indicou a respectiva datação radiocarbónica (CARDOSO *et al.*, 1991). O mesmo foi observado por DELGADO (1884) na necrópole do Neolítico final da gruta da Furninha. Enfim, a ocorrência de cinzas no dolmen do Cabeço dos Moinhos – Figueira da Foz, foi considerada como testemunho da incineração dos cadáveres ou desinfecção das necrópoles (ROCHA, 1895). Outros exemplos se poderiam invocar. Na Lapa da Furada, assume, neste contexto, certo interesse um fragmento de tábua externa de osso humano indeterminável com evidentes marcas de fogo.

8 - CONCLUSÕES

As duas campanhas de escavações realizadas na Lapa da Furada, em 1992 e 1994, e que conduziram à exploração integral da sala vestibular da complexa gruta ali existente, a qual se desenvolve muito para o interior do maciço rochoso, possibilitaram as seguintes conclusões:

- 1 – A Lapa da Furada corresponde ao único exemplo de depósito funerário secundário, constituído na Idade do Bronze conhecido até ao presente em território português. A hipótese de tal depósito ter provindo da vizinha Lapa do Bugio não é credível, segundo razões aduzidas. Desta forma, haverá de procurar a origem dos restos osteológicos em outra gruta situada nas proximidades, ainda não identificada.
- 2– A cronologia absoluta, em anos de calendário, do ossuário, situa-se entre cerca de 2700 e 2450 anos a. C., a que corresponde o Calcolítico pleno da Estremadura. A dos numerosos e muito fragmentados materiais cerâmicos da Idade do Bronze, coevos da remobilização daquele conjunto, no qual se encontravam amalgamados, situar-se-á entre 1700 e 1300 anos a. C., considerando que se trata de cerâmicas na transição do Bronze pleno (horizonte de Catujal) para os primórdios do Bronze Final, fase bem documentada na Tapada da Ajuda. A ser assim, é das raras vezes que tal época se encontrará documentada arqueologicamente na Estremadura, constituindo o conjunto agora estudado um dos mais importantes de tais cerâmicas.
- 3 – As razões que presidiram à remobilização, sem dúvida ritualizada, de tais despojos fúnebres cerca de mil anos após a sua deposição na necrópole primária, devem procurar-se no aproveitamento das grutas naturais da região estremenha, no decurso da Idade do Bronze como prováveis santuários rupestres, mais do que para necrópoles e, muito menos, habitação. A ser assim, nessa gruta primária ter-se-ia formado uma camada com materiais da Idade do Bronze, sobreposta à do nível sepulcral calcolítico, antes de ambos terem sido totalmente misturados, aquando da sua remoção. Os volumosos detritos e materiais assim evacuados, seriam depois transportados em cestos, e cuidadosamente espalhados pela zona central da sala

vestibular da Lapa da Furada, constituindo vasto ossuário, formado de uma só vez. Tal facto é ilustrado pela ocorrência de verdadeira amálgama de ossos humanos, associados a numerosos fragmentos cerâmicos, constituindo uma camada única, entre os quais alguns ossos inteiros, não obstante a sua fragilidade, avultando entre estes um crânio intacto, recolhido em 1992. Talvez que a forma da entrada da gruta, lembrando a morfologia de uma gruta artificial, comunicando por meio de algar vertical com a sala, aproveitada para o dito depósito, tenha influenciado a escolha desta cavidade para tal fim.

- 4 – A tipologia dos escassos materiais arqueológicos correspondentes à primeira ocupação verificada no local indicam o Neolítico final, possuindo o seu paralelo mais evidente na vizinha Lapa do Bugio. Nessa época, a Lapa da Furada constituiria recinto funerário idêntico àquele, cujo espólio terá desaparecido quase totalmente, por efeito dos agentes naturais ou de limpezas intencionais. O seu derradeiro e, por certo, dos mais significativos testemunhos, é corporizado pela ocorrência de um machado e de uma enxó, cuidadosamente colocados lado a lado, sobre o chão primitivo da gruta, na periferia da sala e à entrada desta, em zona que não chegou a ser recoberta pelo depósito ossífero. Trata-se de deposições rituais, que sacralizariam o recinto funerário, constituindo, ao mesmo tempo, frisante exemplo da carga simbólica atribuída a tal associação de artefactos, tanto na Baixa Estremadura como no Alentejo, no decurso do Neolítico final.
- 5 – as cerimónias fúnebres de transladação dos despojos da necrópole primária para esta incluíam fogueiras rituais, de purificação; são testemunho os numerosos carvões, encontrados de mistura com os ossos humanos, a menos que aqueles sejam coevos da formação da necrópole calcolítica primária, o que também é possível. Com efeito, recolheram-se na bibliografia numerosos testemunhos de tal prática, tanto no Neolítico como no Calcolítico do Centro do País.
- 6 – No que concerne ao estudo do espólio antropológico, as conclusões preliminares agora apresentadas apontam para a existência de restos de cerca de 130 indivíduos. Trata-se de população atribuível ao Calcolítico pleno (cf. datação absoluta realizada), não evidenciando, ao nível do registo ósseo, patologias assinaláveis, nem tão-pouco lesões traumáticas que sugiram situações de conflito, tão bem documentadas em outros contextos neolíticos e calcolíticos estremenhos. Por outro lado, a ausência de hipoplasias ambientais, igualmente frequentes em contextos neolíticos e calcolíticos, sugere comunidade que, além de não viver em estado de alerta ou sobressalto, dispunha de recursos alimentares bastantes às suas necessidades. É de assinalar, ainda, a existência de numerosas cáries dentárias, indicando alimentação rica de farináceos, e portanto campos agrícolas, talvez situados nos solos arenosos, soltos e fáceis de amassar, considerando os recursos tecnológicos da época, da parte norte do actual concelho de Sesimbra.

BIBLIOGRAFIA

- BELO, R.; TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – A gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 45, p. 391-418.
- BROTHWELL, D. (1972) – *Digging up bones*. Second Edition. British Museum, Londres, 196 p.
- BUBNER, T. (1979) – Restos humanos dos hipogeus do Casal do Pardo (Palmela). *Ethnos*, 8, p. 87-105.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A Lapa do Bugio. *Sesimbra Cultural*, 0, p. 15 - 34. Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L. e col. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1993) – Primeira campanha de escavações realizada na Lapa da Furada (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*, 3, p. 15-17. Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L. (1994a) – Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993. *Al-Madan*, Série II, 3, p. 59-74.
- CARDOSO, J. L. (1994b) – O litoral sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas. *Sesimbra Cultural*, 4, p. 5-12. Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1993) – Le Bronze Final et le début de l'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Méditerranée*, 2, p. 193-206.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) – A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa. Revista Municipal*, Série II, 15, p. 3-18.
- CARDOSO, J. L. ; CUNHA, A; Santinho & AGUIAR, D. (1991) – O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2, 85 p. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-História recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 47-144. Lisboa, Colibri.

- COTTONE, J. & MILES, S. (1981) – *Outline of forensic dentistry*. Ed. Library of Congress, Filadélfia, 177 p.
- CURRAN, R. C. & JONES, E. L. (1974) – *Gross pathology*. Ed. Harvey Miller, 140 p.
- DAVEAU, S. & AZEVEDO, T. M. (1980/81) – Aspectos e evolução do relevo da extremidade sudoeste da Arrábida (Portugal). *Bol. Soc. Geol. Port.*, 22 (Homenagem a Carlos Teixeira), p. 163-179.
- DELGADO, J. F. N. (1884) – La grotte de Furninha a Peniche. *Actas da 9.ª Sessão Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas* (Lisboa, 1880), p. 207-278.
- FERREIRA, O. da Veiga & CASTRO, L. de A. e (1972) – O nível neolítico da gruta das Salemas. *Arqueologia e História*, S. IX, 4 (separata).
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Cadernos da UNIARQ, 2, 264 p. INIC, Lisboa.
- GOMES, M. V. (1992) – Proto-história do sul de Portugal. In *Proto-história de Portugal*. Universidade Aberta, Lisboa, p. 103-125.
- ISIDORO, A. Farinha (1964) – Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 19 (3/4), p. 221-284.
- JOHANSON, G. (1971) – Age determinations from human teeth. *Odontologisk Revy*, 22, supl. 21, p. 5-126.
- KROGMAN, W. M. (1962) – The human skeleton, forensic medicine. Ed. C.C. Thomas, Springfield, 343 p.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, 322 p.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme au Portugal*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 8 (Nova Série), Lisboa, 60 p.
- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa, 78 p.
- MONTEIRO, R. & SERRÃO, E. da Cunha (1959) – Estação Isabel (necrópole pré-histórica da Azóia). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 407-429.
- MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio. *Actas e Memórias do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 1, p. 107-120.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 22, p. 45-84.
- PAÇO, A. do; BÁRTHOLO, M. L. & BRANDÃO, A. (1959) – Novos achados arqueológicos nas grutas de Cascais. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), p. 147-159.
- RIBEIRO, C. (1878) – *Notícia de algumas estações e monumentos prehistoricos*. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa, 69 p.
- RIBEIRO, O. (1968) – Excursão à Arrábida. *Finisterra*, p. 257-273.

ROCHA, A. dos Santos (1895) – *Antiguidades pré-históricas do concelho da Figueira*. 3.^a Parte. Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 93-181.

SÁ, M. C. M. de (1959) – A Lapa da Galinha. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 117-128.

SENNA-MARTINEZ, J. C. de (1993) – A ocupação do Bronze Pleno da "Sala 20" do Buraco da Moura de São Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, p. 55-75. Lisboa, Colibri.

SERRÃO, E. da Cunha (1962) – Alguns problemas arqueológicos da região de Sesimbra. *Arqueologia e História*, S. VIII, 9, p. 13-41.

SERRÃO, E. da Cunha (1958) – Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*, 9 (2), p. 177-186. Salamanca.

SERRÃO, E. da Cunha (1959) – Cerâmica com ornatos brunidos a cores da Lapa do Fumo. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, p. 337-359.

SERRÃO, E. da Cunha (1970) – As cerâmicas de "retícula brunida" das estações arqueológicas espanholas e com "ornatos brunidos" da Lapa do Fumo. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 1, p. 273-308.

SERRÃO, E. da Cunha (1973) – *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra (desde o Paleolítico até 1200 d. C.)*. Junta Distrital de Setúbal, 29 p.

SERRÃO, E. da Cunha (1994) – *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra. Do Vilafranquiano médio até 1200 d. C.* Câmara Municipal de Sesimbra, 115 p.

SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1983) – Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1, p. 63-88.

ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga; MANUPELLA, G. & ASSUNÇÃO, C. Torre de (1965) – *Carta geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 38/B (Setúbal)*, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, p. 120-126.